



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

**GEOPOÉTICA DA CENA MANGUE: UMA ANÁLISE DO CONCEITO DE LUGAR
NAS LETRAS DA BANDA CHICO SCIENCE E NAÇÃO ZUMBI**

LUCAS DANIEL MEDRADO DE MOURA
ORIENTADOR: PROF. DR. DANTE FLÁVIO DA COSTA REIS JÚNIOR

Brasília - DF

2014

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

**GEOPOÉTICA DA CENA MANGUE: UMA ANÁLISE DO CONCEITO DE LUGAR
NAS LETRAS DA BANDA CHICO SCIENCE E NAÇÃO ZUMBI**

LUCAS DANIEL MEDRADO DE MOURA

Monografia apresentada ao Departamento de Geografia (GEA) do Instituto de Ciências Humanas (IH) da Universidade de Brasília (UnB) como requisito parcial para obtenção dos graus referentes ao Bacharelado e à Licenciatura em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Dante Flávio da Costa Reis Júnior.

Brasília - DF

2014

TERMO DE APROVAÇÃO

LUCAS DANIEL MEDRADO DE MOURA

GEOPOÉTICA DA CENA MANGUE: UMA ANÁLISE DO CONCEITO DE LUGAR NAS LETRAS DA BANDA CHICO SCIENCE E NAÇÃO ZUMBI

Monografia aprovada, como requisito parcial para a obtenção do grau referente à Licenciatura no curso de graduação em Geografia do Instituto de Ciências Humanas (IH), da Universidade de Brasília (UnB), pela seguinte banca examinadora:

Orientador:

Prof. Dr. Dante Flávio da Costa Reis Júnior

Departamento de Geografia, Universidade de Brasília

Membro interno:

Prof. Dra. Glória Maria Vargas

Departamento de Geografia, Universidade de Brasília

Membro interno:

Prof. Dr. Valdir Adilson Steinke

Departamento de Geografia, Universidade de Brasília

Brasília - DF

2014

DEDICATÓRIA

À Deus, por ter me abençoado tanto; aos meus pais Lúcia e Francisco, meus maiores exemplos de amor, educação e fé; aos meus irmãos, Wesley, Diego, Danilo e Renan Smith, que sempre me apoiaram; à minha madrinha Alessandra, por ter sido minha segunda mãe; aos meus verdadeiros amigos que a vida me apresentou na Igreja, escola, Ceub, UNB e Portugal; ao meu orientador pela fantástica ajuda e a minha namorada e futura esposa Camilla, pelo apoio e amor inigualáveis.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter cuidado de mim e me dado inteligência e sabedoria para escolher a profissão de Geógrafo;

Aos meus pais por me apoiarem desde o início, sempre acreditarem no meu potencial e aos meus irmãos por toda amizade, companheirismo e carinho com o irmão mais novo;

Aos amigos que sempre me apoiaram Gabriel, Bruno Mocotó, Ademar, Erick, Bruno Biroška, Cássio, Taynã Gonçalves;

Aos mestres Tony Margoli e Francisco Chagas Barradas por injetarem em mim a visão de mundo necessária a um geógrafo; ao irmão Renan Smith, pela amizade, companheirismo, fé e tantos momentos eternos compartilhados. Depois de alguns anos, você continua me inspirando através do seu exemplo de pessoa e profissional, sem você a estrada seria muito mais difícil;

Ao Prof. Dr. Dante Reis, pela orientação magnífica e sempre disposta, obrigado por acreditar no meu trabalho;

Aos meus amigos, que conheci na trajetória acadêmica e que sempre me incentivaram, me mostrando que é possível fazer amigos num ambiente tão diverso, Gustavo, Natália, Andressa, João Bosco, Allan Canuto, Gabriel Araújo, Lucas Lima, Cristino Jack, George Gonçalves e Gabriel Kuch;

A professora Ana Francisca do departamento de Geografia da Universidade do Minho em Portugal e a professora Lúcia Helena Grato, pela ajuda e por compartilharem seus conhecimentos e materiais acadêmicos comigo.

A minha namorada por ter sido tão companheira, compreensiva e motivadora, sem você essa monografia teria sido muito mais difícil. Muito obrigado pelo seu amor, amizade e por sonhar um futuro junto a mim.

Eu venho do sul e do norte, do oeste e do leste, de todo lugar. Estradas da vida eu percorro levando socorro a quem precisar. Assunto de paz é meu forte, eu cruzo montanhas e vou aprender. O mundo não me satisfaz, o que eu quero é a paz, o que eu quero é viver. No peito eu levo uma cruz, no meu coração, o que disse Jesus.

Padre Zezinho, Nova Geração

RESUMO

O presente trabalho tem como intuito observar que a Cena Cultural Manguê, que ocorreu em Recife nos anos 1990, possui uma Geopoética própria. Este estudo geopoético ocorreu através da análise do conceito de Lugar, numa perspectiva humanista, que permeia as canções da principal banda da Cena Manguê - Chico Science e Nação Zumbi. Através da identificação e análise do conceito de Lugar, imerso nas canções da banda, buscou-se demonstrar que as experiências, relações toponímicas, o espaço vivido e simbolismos construídos pelo letrista Chico Science na cidade de Recife, foram essenciais para a criação da Cena Manguê e de sua Geopoética.

Palavras-chave: Geopoética, Manguê, Lugar, Topofilia, Espaço Vivido, Experiências, Simbolismos, Chico Science.

ÍNDICE

| | |
|---|-------------|
| ÍNDICE..... | viii |
| | |
| 1. INTRODUÇÃO..... | 10 |
| 1.1 Objeto da pesquisa..... | 11 |
| 1.2 Justificativa | 11 |
| 1.3 Objetivos | 11 |
| 1.4 Hipóteses | 12 |
| | |
| 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA | 13 |
| 2.1 Escola Ambiental..... | 13 |
| 2.2 Escola Regional..... | 15 |
| 2.3 Geografia Teorético-Quantitativa..... | 18 |
| 2.4 Geografia Crítica..... | 20 |
| 2.5 Geografia Humanista | 22 |
| 2.6 Geopoética..... | 29 |
| | |
| 3. O CONCEITO HUMANISTA DE LUGAR..... | 38 |
| 3.1 O conceito de Lugar na obra de Yi-Fu Tuan – Topofilia e Topofobia..... | 38 |
| 3.2 Edward Relph – O Lugar como Fenômeno de Experiência Vivida | 41 |
| 3.3 Eduardo Marandola Jr. – O Lugar no mundo contemporâneo..... | 42 |
| 3.4 O conceito de Lugar aplicado em obras brasileiras da Geografia Humanista..... | 44 |
| | |
| 4. A CENA MANGUE..... | 48 |

| | |
|--|-----------|
| 4.1 Recife a quarta pior cidade do mundo!..... | 48 |
| 4.2 Chico Science e o início da Cena Manguê..... | 50 |
| 4.3 O Manifesto Manguê – Caranguejos com Cérebro..... | 52 |
| 4.4 O Movimento Manguebeat – A Cena Manguê..... | 55 |
| 4.5 Simbolismos e Josué de Castro..... | 57 |
| 4.6 O auge da Cena Manguê e a perda de um líder..... | 60 |
| 5. ANÁLISES, RESULTADOS E DISCUSSÃO..... | 64 |
| 5.1 Por que analisar a relação entre Música e Lugar? | 64 |
| 5.2 Por que analisar as letras de canções? | 65 |
| 5.3 Análise Geopoética do conceito de Lugar nas letras da banda Chico Science e Nação Zumbi..... | 66 |
| 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 81 |
| 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 83 |

1. INTRODUÇÃO

O Brasil é um país culturalmente muito rico e diverso, sua música variada é conhecida e respeitada em várias partes do mundo, fato que se deve principalmente à criatividade de seus artistas que, em vários casos, não impõem barreiras para realizar experimentos e fusões musicais com ritmos e referências diversas. O estado de Pernambuco possui uma tradição cultural muito forte e rica, berço de vários ritmos como o frevo, coco, maracatu, ciranda e outros. O pernambucano Francisco de Assis França, vulgo Chico Science, foi um desses artistas que conseguiu mesclar ritmos e referências da cultura tradicional pernambucana com elementos da cena *pop* mundial; além disso, Chico Science buscou através de uma miscelânea cultural sem precedentes, injetar ânimo na população de Recife do início dos anos 1990 (a cidade passava por uma estagnação cultural e forte decadência socioeconômica) e mostrar que é preciso inovar o nosso cotidiano para melhorar o Lugar que vivemos.

Quando a Cena Mangue surge no início dos anos 1990, o Brasil pára diante da figura de Chico Science e percebe que aquele pernambucano com “chapéu torto e óculos enfeitado” trazia consigo referências regionais/mundiais tão diversas e nunca antes vistas. Chico em suas músicas, falava de um Recife (e até mesmo de um Brasil) que era pobre economicamente, mas com uma cultura muito rica, seus simbolismos rapidamente dominaram o estado de Pernambuco. No auge de sua carreira, ninguém conseguiu entender por que ele morreu tão jovem; Recife perdeu um líder, o mundo perdeu um artista brilhante.

A Geografia Humanista trata de alguns temas que vem ao encontro da Cena Mangue, como por exemplo, a abordagem da subjetividade das relações do ser no mundo e até como manifestações artísticas interferem no mundo vivido e concepção de Lugar de determinada população. Nessa perspectiva destacamos o surgimento da Geopoética e suas análises em obras de cunho artístico.

1.1 OBJETO DA PESQUISA

O presente trabalho surgiu através da seguinte problematização: O conceito de Lugar, abordado pela Geografia Humanista, contribui para a definição de uma Geopoética da Cena Mangue através da análise das letras da banda Chico Science e Nação Zumbi?

1.2 JUSTIFICATIVA

Como a Geopoética é uma área de estudo, dentro da Geografia Humanista, que está em crescimento e preza principalmente pela abordagem de obras literárias, identificar e analisar obras musicais através da Geopoética abre um novo caminho nessa área de estudo, pois as letras das canções também revelam características da poética dos lugares.

A importância desse estudo se dá também pelo fato de mostrar à Geografia uma possibilidade de estudo e análise da riqueza cultural e simbólica de várias Cenas Culturais que aconteceram e acontecem no mundo.

1.3 OBJETIVOS

Este trabalho teve como objetivo principal:

- Identificar como o conceito de Lugar, abordado pela Geografia Humanista, contribui para a definição de uma Geopoética da Cena Mangue, através da análise das letras da banda Chico Science e Nação Zumbi.

Com relação aos objetivos específicos, foram estes:

- Apresentar as características gerais da Geografia Humanista e da Geopoética;
- Identificar os principais elementos que permeiam o conceito de Lugar numa abordagem da Geografia Humanista, incluindo o conceito de Topofilia;
- Explicar como ocorreu o surgimento da Cena Mangue ;
- Interpretar os simbolismos criados por Chico Science em suas canções através de suas experiências e vivências

1.4 HIPÓTESES

Para a construção deste trabalho, buscamos comprovar duas hipóteses

- O conteúdo das letras musicais de Chico Science e Nação Zumbi veiculam imaginários perceptivos de Lugar.
- As linguagens musicais se ajustam como exemplo potencial de estudos de Geopoética.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A Desde a sistematização da Geografia como Ciência e disciplina acadêmica no século XIX, vários conceitos-chave surgiram, tiveram destaque e foram criticados/ofuscados por um novo conceito. Os motivos dessa ascensão e queda conceitual são explicados pelo contexto histórico da corrente do pensamento geográfico dominante, pela ampla produção científico-acadêmica e posteriores críticas recebidas. Destacam-se aqui os seguintes conceitos: paisagem, região, espaço, território e lugar; e será feita uma análise de cada um deles à luz das correntes geográficas.

2.1 Escola Ambiental – A importância de Ratzel para a Geografia

Para entendermos a Escola Ambiental devemos analisar que a Geografia foi institucionalizada como ciência na Alemanha (ainda Prússia) do século XIX graças a importantes cientistas como Humboldt, Ritter e Ratzel; e o contexto histórico alemão estava marcado pela ascensão do capitalismo, a eclosão de sua fase imperialista e seus consequentes processos de expansão territorial advindos dessa fase.

A Escola Ambiental propunha um estudo dos grupos humanos e sua relação com os elementos do meio em que eles estavam inseridos, mas Moraes (2005, p. 20) destaca que a Escola Ambiental, apoiada pela ecologia, representou “... *um determinismo atenuado, sem visão fatalista e absoluta. A natureza não é vista mais como determinação, mas como suporte da vida humana.*”. O alemão Friedrich Ratzel (1844-1904) foi o formulador das bases da Escola Ambiental. Estudioso das obras de Humboldt e Ritter, Ratzel foi influenciado pelo pensamento darwinista que, segundo Claval (2006, p. 74), procurava estabelecer

[...] leis gerais que regiam a influência do meio sobre os grupos humanos, dedicando-se ao estudo das relações que se desenvolvem entre as sociedades e o ambiente em que vivem. Ratzel vai buscar a idéia de que o movimento é uma das características centrais do mundo vivo, em especial do homem. Essa idéia leva-o a interessar-se pelos fenômenos de circulação que as sociedades desenvolvem de um ponto da Terra a outro.

Ratzel foi autor da obra *Anthropogeographie* (1882); considerada marco inicial da Geografia Humana, essa obra definiu que o objeto da ciência geográfica seria o estudo da influência que as condições naturais poderiam exercer sobre a humanidade. Moraes (2005, p. 18) afirma que só podemos compreender as proposições de Ratzel

[...] em função da época e da sociedade que as engendram. A Geografia de Ratzel foi um instrumento poderoso de legitimação dos desígnios expansionistas do Estado alemão recém-constituído. L. Febvre chegou a denominá-la de “manual de imperialismo”.

Na proposta de análise dos principais temas e conceitos geográficos ao longo das escolas geográficas, podemos destacar que a principal contribuição de Ratzel para a Geografia deveu-se ao fato dele analisar o espaço como base essencial para a vida humana destacando que o seu controle e domínio são de fundamental relevância. Ratzel em sua obra *Anthropogeographie* desenvolveu dois importantes conceitos para a Geografia: território e espaço vital. O território em Ratzel estava ligado à apropriação e utilização de parte do espaço por um grupo de pessoas, representando assim as condições de trabalho e premissa para existência de uma sociedade. Moraes (2005) descreve que Ratzel tinha a visão de que a maior prova de decadência para uma sociedade seria a perda de seu território e quando a sociedade se organiza para defender o território, transforma-se em Estado. Já a ascensão de uma sociedade, para Ratzel, passaria pelo aumento e conquista de novos territórios; é nesse momento que Ratzel cria o conceito de espaço vital como teoria que justificava e legitimava o expansionismo imperialista alemão. A teoria do espaço vital formulada por Ratzel propunha que o território seria o “... *equilíbrio entre a população ali residente e os recursos disponíveis para as suas necessidades, definindo e relacionando, deste modo, as possibilidades de progresso e as demandas territoriais*” (CORRÊA, 1987. p. 11), ou seja, segundo Ratzel o expansionismo é algo natural, inevitável e para que uma nação se desenvolvesse seria necessário que ela possuísse um território rico o bastante para atender às necessidades de sua população, mesmo que para isso essa nação tivesse que dominar territórios de outras nações. Podemos afirmar segundo Corrêa (1987) que a teoria do espaço vital foi uma transformação do conceito de território em espaço vital, criada para justificar o desenvolvimento, poder, domínio e expansão da Alemanha.

A escola ambiental, segundo Corrêa (1987, p. 23), também se preocupou em estudar o conceito de região, mas como “Região Natural”, que foi abordada como

[...] uma parte da superfície da Terra, dimensionada segundo escalas territoriais diversificadas, e caracterizadas pela uniformidade resultante da combinação ou integração em área dos elementos da natureza: o clima, a vegetação, o relevo, a geologia e outros adicionais que diferenciariam ainda mais cada uma destas partes. Em outras palavras, uma região natural é um ecossistema onde seus elementos acham-se integrados e são integrantes.

Dos pensadores da escola ambiental, Ratzel foi um grande contribuinte por realizar em seus estudos uma abordagem geográfica-ambiental influente para outros geógrafos como Ellen Semple e Elsworth Huntington, que fizeram uma interpretação simplista de sua obra e

[...] radicalizaram suas colocações, constituindo o que se denomina “escola determinista” de Geografia, ou “determinismo geográfico”. Os autores dessa corrente partiram da definição ratzeliana do objeto da reflexão geográfica, e simplificaram-na. Orientaram seus estudos por máximas, como “as condições naturais determinam a História”, ou “o homem é um produto do meio” – empobrecendo bastante as formulações de Ratzel, que falava de influências. Na verdade, todo o trabalho destes autores se constituía da busca de evidências empíricas, para teorias formuladas a priori. (MORAES, 2005, p. 20).

2.2 Escola Regional – A crítica feita por Vidal de la Blache

A Escola Regional surge na França já no final do século XIX num momento histórico de conflitos territoriais entre França e Alemanha, vale destacar que as rivalidades entre as duas potências aumentaram quando a França perdeu a região da Alsácia – Lorena para a Alemanha (Guerra Franco-Prussiana, 1870-1871) e suscitou assim uma política de promoção da Geografia por parte do governo francês. Além das divergências diplomáticas entre Alemanha e França, do ponto de vista filosófico a Escola Regional surge como reação à Escola Ambiental e teria três principais incumbências:

- 1- Desmascarar o expansionismo germânico – criticando o conceito de espaço vital – sem, no entanto, inviabilizar intelectualmente o colonialismo francês;

2- Abolir qualquer forma de determinação, da natureza ou não, adotando a idéia de que a ação humana é marcada pela contingência;

3- Enfatizar a fixidez das obras do homem, criadas através de um longo processo de transformação da natureza; assim os elementos mais estáveis, solidamente implantados na paisagem, são ressaltados, não se privilegiando os mais recentes, resultantes de transformações que podem colocar em risco a estabilidade e o equilíbrio, alcançados anteriormente. Daí a ênfase no estudo dos sítios predominantemente rurais. (CORRÊA, 1987. p. 12).

Observamos que o discurso da Escola Regional era oposto ao da Escola Ambiental, criticando o conceito de espaço vital e sendo contrário ao determinismo ambiental (distorcido por alguns discípulos de Ratzel). O principal difusor dos ideais da Escola Regional foi o geógrafo francês Vidal de la Blache (1845-1918) que após estudar várias obras da Escola Ambiental propôs que a natureza fosse analisada como fonte de possibilidades para que o homem a transformasse segundo suas necessidades. Vidal faz uma nova abordagem do conceito de gênero de vida que agora *“trata-se não mais de uma consequência inevitável da natureza, mas de um acervo de técnicas, hábitos, usos e costumes, que lhe permitiram utilizar os recursos naturais disponíveis”* (CLAVAL, apud CORRÊA, 1987, p.13).

Destacamos aqui dois conceitos que merecem uma atenção especial: Paisagem e Região. A Paisagem em francês *paysage* (paisagem) vem de *pays* (pequena região homogênea) e nessa escola do pensamento geográfico começa a ser citada como uma criação humana, que é fruto de um processo evolutivo temporal, em que a paisagem natural é transformada em paisagem cultural, mas esse conceito é limitado por enfatizar principalmente o aspecto de unicidade da paisagem (fenômenos que ocorrem apenas uma vez) e por sua apreensão ser apenas pelo empirismo e indução.

A Escola Alemã considerava a região apenas em sua forma natural (região natural), mas na escola regional a região torna-se o objeto de estudo da Geografia, e passa a ser considerada como “Região Geográfica”, marcada por relações humanas e naturais que possibilitam ao

homem criar através de práticas culturais uma paisagem e um gênero de vida que conferem à região um caráter de unicidade.

Vidal de la Blache propõe que o papel do geógrafo diante da região é evidenciar as unicidades de cada uma e as inter-relações entre os fenômenos físicos e humanos ali presentes. Segundo Corrêa (1987, p. 29) para Vidal de la Blache “*O que importa é que na região haja uma combinação específica da diversidade, uma paisagem que acabe conferindo singularidade àquela região*”. Diferentemente de Ratzel, Vidal de la Blache não possuía como principal meta a delimitação de um território para uma nação, mas como diz Claval (2006, p. 92), Vidal e a escola regional procuraram “*...compreender como a unicidade podia surgir da diversidade de meios naturais e do povoamento original.*” Observamos que para Vidal a região possui um caráter empírico e de tentativa de análise entre elementos naturais e humanos da paisagem e segundo Claval (2006, p. 93), a visão de la Blache propunha que “*...para compreender uma organização regional, é necessário perceber como cada distrito participa nas unidades*”.

A escola regional consolidou-se na primeira década do século XX e vale destacar também a contribuição do geógrafo Jean Brunhes (1869-1930) que realizou uma abordagem interessante em sua obra “*La géographie humaine*” de 1910. Claval (2006, p. 94) nos apresenta a visão de Brunhes que destacava que a geografia devia estar atenta à análise da paisagem e das formas de ocupação do solo.

Com a I Guerra Mundial, a escola regional passa por uma fase de declínio, mas

[...] as grandes monografias regionais e as produções da *Géographie universelle*, concebida por Vidal e agora conduzida por Gallois, provam que ela permanece de qualidade. O seu campo alarga-se nas áreas da análise urbana, rural, dos fenômenos políticos e da vida econômica. (CLAVAL, 2006, p. 95, grifo do autor).

O conceito de região (geográfica) recebeu várias críticas por parte dos geógrafos do século XX, principalmente Lacoste e Claval. O geógrafo Yves Lacoste sustenta sua crítica no fato de

que o conceito de região estava estabelecido como algo pronto e concluído, e que a proposta de região em Vidal de la Blache “...impõe um único modo de se pensar a divisão da superfície da Terra, esquecendo a diferencialidade espacial de cada elemento, e o fato de que outros segmentos do espaço podem ser mais úteis” (Corrêa, 1987, p. 31). Já o geógrafo Paul Claval fundamentava sua crítica à escola regional

[...] por não haver um critério sistemático para se identificar regiões, os resultados obtidos indicam a sua diversidade, às vezes constituindo uma realidade natural, mas na maioria dos casos condicionada histórica e economicamente. Era difícil teorizar sobre o assunto, especialmente porque não se admitia a aplicação dos procedimentos de utilização geral. (CORRÊA, 1987, p. 31).

Diante dessas e outras críticas, observou-se o surgimento de estudos específicos de caráter regional.

2.3 Geografia Teorético-Quantitativa

Em meados da década de 1950 o mundo estava num momento histórico nunca antes visto: pós II Guerra Mundial, recuperação econômica do continente europeu, nova divisão social e territorial do trabalho; essas e várias transformações sociais e econômicas inviabilizaram os paradigmas propostos pela Geografia Tradicional no fim do século XIX, pois as técnicas criadas pela Geografia Tradicional foram elaboradas para explicar situações menos complicadas que aquelas presentes nos anos 1950. Logo, com a intensa urbanização, por exemplo, os geógrafos tradicionais não conseguiram explicar a complexa organização do espaço, organização essa que viria a se tornar o objeto de estudo dessa nova corrente do pensamento geográfico. No âmbito da ciência geográfica, a década de 1950 foi marcada por uma crise de conhecimentos geográficos que não estavam atendendo as reais necessidades daquele momento histórico-social, político-econômico.

Todos esses motivos fomentaram um movimento de renovação da ciência geográfica, que buscou novas técnicas para que se fizesse uma análise geográfica atual e abrangente do Espaço Geográfico. A principal crítica desenvolvida pela escola teórico-quantitativista é a

chamada falta de cientificidade da Geografia Tradicional. Para os “novos geógrafos” essa cientificidade seria alcançada através de uma abordagem sistêmica do espaço, baseada no positivismo lógico e instrumentalizada por modelos matemáticos e estatísticos que seriam utilizados para realizar a análise da realidade espacial.

Em relação à temática conceitual, para Corrêa (2000), paisagem, lugar e território são conceitos que não tiveram ampla discussão e estudos dentro da escola teórico-quantitativa da ciência geográfica. Já o conceito de Região, na Geografia Teórico-Quantitativa, foi tratado “*como um conjunto de lugares onde as diferenças internas entre esses lugares são menores que as existentes entre eles e qualquer elemento de outro conjunto de lugares*” CORRÊA (1987, p. 32).

O grande destaque conceitual desta “Nova Geografia” foi o Espaço, que apareceu pela primeira vez como conceito-chave da ciência geográfica. O espaço foi considerado como “planície isotrópica” e isso se explica pela preocupação principal desta escola (propor modelos de otimização), pois a planície isotrópica é

[...] uma construção teórica que resume uma concepção de espaço derivada de um paradigma racionalista e hipotético-dedutivo. Admite-se como ponto de partida uma superfície uniforme tanto no que se refere à geomorfologia como ao clima e à cobertura vegetal, assim como a ocupação humana: há uma uniforme densidade demográfica, de renda e de padrão cultural que se caracteriza pela adoção de uma racionalidade econômica fundada na minimização dos custos e maximização dos lucros ou da satisfação. A circulação nesta planície é possível em todas as direções. (CORRÊA 2000, p. 21).

Segundo Corrêa (2000), observamos assim que na planície isotrópica a variável mais importante é a distância, pois ela determina a diferenciação espacial, seja através do uso da terra e seu preço, densidades demográficas ou hierarquia de lugares, revelando assim uma visão de espaço bastante vinculada à economia; é o que David Harvey chama de espaço relativo. Este espaço relativo é explicado através das

[...] relações entre objetos, relações estas que implicam em custos – dinheiro, tempo, energia – para se vencer a fricção imposta pela distância. É no espaço relativo que se obtêm rendas diferenciais (de localização) e que desempenham papel fundamental na determinação do uso da terra. (CORRÊA 2000, p. 22).

As posteriores críticas feitas a essa visão de espaço concentram-se no fato dos geógrafos teóricos, além de abordarem o espaço de maneira estatística e economicista, dando à “distância” um destaque exagerado, colocaram em segundo plano as preocupações referentes às contradições e problemas sociais (guerras e crises, por exemplo) que estavam eclodindo no fim da década de 1960.

2.4 Geografia Crítica

Vimos que a Geografia Tradicional e seus conceitos não conseguiam explicar situações contemporâneas ao mundo da metade do século XX; já a Geografia Teorético-Quantitativa em sua abordagem sistêmica e estatística, não se interessava em dar respostas aos vários problemas sociais e políticos surgidos no início da década de 1970. Nasce então uma escola geográfica duplamente crítica: crítica aos modelos e conceitos geográficos propostos tanto pela Geografia Tradicional quanto pela Geografia Teorético-Quantitativa. Essa corrente do pensamento geográfico, chamada Geografia Crítica, foi fundada por geógrafos que, em sua maioria, procuraram realizar uma revolução científica apoiada no marxismo e no ideário do materialismo histórico e dialético, criticando escolas precedentes e segundo Gomes (1996) propondo um conhecimento geográfico verdadeiro. Os geógrafos críticos estavam preocupados em realizar um

[...] saber a serviço de uma transformação social, e não mais de um saber visando manter estruturas sociais. As categorias de análise utilizadas eram igualmente formais e abstratas, à diferença de que partiam de situações históricas concretas, e não de premissas e pressupostos ideais. Enfim, tal corrente acredita estar fundada sobre o conhecimento da essência dos fatos, e não das suas aparências. (GOMES, 1996, p. 280).

Para Gomes (1996, p. 284) “... o marxismo no fim dos anos 1960 e durante a década de 1970, *exerceu forte influência sobre as ciências sociais*” e um reflexo disso foi que boa parte de geógrafos críticos buscou nas teorias de Marx a grande chance de renovação da ciência geográfica e a possibilidade de transformação da sociedade. Os geógrafos críticos se propuseram inicialmente a superar “... *a descrição de padrões espaciais, procurando-se ver as relações dialéticas entre formas espaciais e os processos históricos que modelam os grupos sociais*” (CORRÊA, 1987, p. 21).

Diante desse contexto histórico e suas influências, destacamos dois principais conceitos abordados pela geografia crítica: Região e Espaço. A região não podia mais ser caracterizada levando em conta apenas fatos empíricos; com o novo momento histórico e econômico, houve a necessidade de o conceito ser repensado de acordo com essa realidade. Corrêa (1987) afirma que a região é o resultado da

[...] lei do desenvolvimento desigual e combinado, caracterizada pela sua inserção na divisão nacional e internacional do trabalho e pela associação de relações de produção distintas. Estes dois aspectos vão traduzir-se tanto em uma paisagem como em uma problemática, ambas específicas de cada região, problemática que tem como pano de fundo a natureza específica dos embates que se estabelecem entre as elites regionais e o capital externo à região e dos conflitos entre as diferentes classes que compõem a região. Os conflitos oriundos dos embates entre interesses internos, bem como entre interesses internos e externos, podem gerar uma desintegração da região, que se exprimirá na sua paisagem. (CORRÊA 1987, p. 45).

Graças ao conceito de desenvolvimento desigual e combinado a região, antes declarada como conceito-obstáculo segundo alguns geógrafos, readquiriu sua importância dentro da Geografia.

O conceito alvo de ampla discussão e estudos dentro da corrente crítica da Geografia foi o Espaço. Para o marxismo, Gomes (1996) nos lembra que o espaço era considerado um produto social explicados pelos aspectos fundamentais da sociedade (relações de produção e as forças produtivas). O espaço e suas relações dialéticas são abordados pela geografia crítica como espaço social. A geografia crítica apelou

[...] para o conceito de espaço social, afim de traduzir aí a idéia de dinâmica social inscrita em um espaço que é ~~ao~~, ao mesmo tempo, reproduzidor de desigualdades e a condição de sua superação, o reflexo de uma ordem e um dos meios possíveis para transformar esta mesma ordem; enfim, o espaço faz parte da dialética social que o funda. (GOMES, 1996, p. 297).

A obra do filósofo Henri Lefébvre (1901-1991) influenciou grandes geógrafos críticos como Milton Santos e David Harvey. Para Lefébvre “*o espaço é concebido como locus da reprodução das relações sociais de produção, isto é, reprodução da sociedade.*” (LEFÉBVRE apud CORRÊA, 2000, p. 25). A partir dessa linha de pensamento, Corrêa (2000) relata que Milton Santos baseia-se na concepção de espaço social e afirma que não é

possível realizar uma formação sócio-econômica sem que se recorra ao espaço. Para Milton Santos uma sociedade só se torna concreta através de seu espaço. O grande representante da geografia crítica brasileira foi Milton Santos, que em seus estudos sobre a temática do espaço afirmava que

[...] o espaço por suas características e por seu funcionamento, pelo que ele oferece a alguns e recusa a outros, pela seleção de localização feita entre as atividades e entre os homens, é o resultado de uma práxis coletiva que reproduz as relações sociais, [...] o espaço evolui pelo movimento da sociedade total. (SANTOS, 1978, p. 171).

Com relação ao conceito de lugar, podemos dizer que este não foi muito abordado na Geografia Crítica, mas Vestena (2009) destaca que na obra de Milton Santos *A natureza do espaço* (1996), Santos escreve sobre a “força do lugar”, que seria um espaço produzido pela vivência das pessoas e pela lógica dos processos que constituem a globalização. Santos explica que

Cada lugar é, à sua maneira, o mundo. [...] Mas, também, cada lugar, irrecusavelmente imerso numa comunhão com o mundo, torna-se exponencialmente diferente dos demais. A uma maior globalidade, corresponde uma maior individualidade. É a esse fenômeno que G. Benko (1990, p. 65) denomina "glocalidade", chamando a atenção para as dificuldades do seu tratamento teórico. Para apreender essa nova realidade do lugar, não basta adotar um tratamento localista, já que o mundo se encontra em toda parte.

Podemos concluir que a abordagem crítica de lugar feita por Milton Santos relaciona apenas as influências que a globalização exerce nas vivências que os indivíduos estabelecem nos lugares. Vale ressaltar que o Milton Santos de “A natureza do espaço” já não é aquele de 1978, da obra “Por uma geografia nova”; M. Santos, aparentemente, passa a flertar com o Humanismo e a Fenomenologia.

2.5 Geografia Humanista

Também na década 1970, despontou na ciência geográfica uma nova escola: a Geografia Humanista (também chamada de Geografia Humanística ou Geografia Fenomenológica). Essa escola foi fortemente influenciada pelo humanismo e fenomenologia. Gomes (1996, p. 313)

nos relata que o humanismo na geografia buscou no passado “... *um exemplo e um apadrinhamento, que servem de ponte entre o passado clássico e estas novas tendências. A obra de Eric Dardel, o Homem e a Terra, redescoberta no início dos anos oitenta, assumiu em parte este papel*”. O autor Eric Dardel (1900-1968) propõe em “O Homem e a Terra”, uma nova visão da Geografia que

[...] não tem por finalidade descrever a Terra, mas mostrar como o homem nela inscreve a sua existência (inventa, para o exprimir, o termo geograficidade) e lhe dá um sentido, modelando territórios a que atribui valores. A geografia sai do domínio das ciências exatas. Deixa de ser ciência social, no sentido habitual do termo. É uma meditação sobre o destino dos indivíduos e dos grupos. (CLAVAL, 2006, p. 116).

A importância de Dardel para a Geografia Humanista (e para este trabalho) é indiscutível. Sua maneira inédita de análise do espaço geográfico foi influenciada em parte pela Fenomenologia de Heidegger. Gomes (1996, p. 314) relata que tal influência reside no fato de que Eric Dardel foi o primeiro tradutor de *O Ser e o Tempo* para o francês. E. Dardel inspirou grandes geógrafos humanistas, tais como Edward Relph e Yi-Fu Tuan.

Com relação ao aporte teórico humanista utilizado pela geografia, segundo David Ley, Professor da University of British Columbia, podemos observar que a influência do Humanismo na Geografia, mesmo sendo uma

[...] association of some of its major contributors, such as Yi-Fu Tuan, with the Berkeley tradition, humanistic work did not initially set out to reform cultural geography. Rather, in a classic opposition between thesis and antithesis, it represented a reaction against the quantitative juggernaut of spatial analysis as it gathered speed in the 1960's. (LEY, 1981 p. 250).

Já Marandola Jr. (2005, p. 10) destaca que mesmo a geografia humanista sendo influenciada pela “*corrente Humanista juntamente com a Geografia Cultural, ambas marcadamente fenomenológicas, estas mantêm relações com outras abordagens, como a teoria crítica, por exemplo*”. O mesmo autor destaca ainda que o sentido do Humanismo em Geografia é o de “*complexificar ao máximo a aproximação com a realidade e a experiência humana, sem reducionismos ou negação total de valores ou orientações teórico-metodológicas, buscando o homem e a sua liberdade*” (idem, p. 15).

Com relação às influências fenomenológicas nessa nova escola geográfica, podemos dizer que a geografia humanista

[...] está assentada na subjetividade, na intuição, nos sentimentos, na experiência, no simbolismo e na contingência, privilegiando o singular e não o particular ou o universal e, ao invés da explicação, tem na compreensão a base de inteligibilidade do mundo real. (CORRÊA, 2000, p. 30).

Essa valorização da subjetividade e da percepção fenomenológica é fruto da contribuição, dentre outras, de três grandes autores: Edmund Husserl (1859-1938), Martin Heidegger (1889-1976) e Maurice Merleau-Ponty (1905 -1961). Husserl (1954, p. 8) propõe que a ciência natural “*is, to be sure, not purely rational insofar as it has need of outer experience, sensibility; but everything in it that is rational it owes to pure reason and its setting of norms; only through them can there be rationalised experience*”. Heidegger em sua obra *Ser e Tempo* (1927), conceitua a ciência fenomenológica a partir do significado da palavra fenomenologia que

[...] exprime uma máxima que se pode formular na expressão: “às coisas em si mesmas!” – por oposição às construções soltas no ar, às descobertas acidentais, à admissão de conceitos só aparentemente verificados, por oposição às pseudoquestões que se apresentam, muitas vezes como “problemas”, ao longo de muitas gerações. [...] Fenomenologia seria, portanto, a ciência dos fenômenos. (HEIDEGGER, 2005, p. 57)

Merleau-Ponty, em sua obra *A Filosofia da Existência* (1959), considera o corpo e o mundo exterior como elementos importantes para a compreensão da nossa existência, pois quando agimos, é o nosso corpo que está em contato com o mundo sensorial. O corpo é considerado por Merleau-Ponty antes de tudo um objeto, como qualquer outro, mas não apenas isso, pois o ser humano possui um espírito e sensibilidade para captar as coisas sensíveis do mundo, através de sua corporeidade.

Além desses grandes autores, Gomes (1996, p. 327) nos informa que Relph destacou dois motivos pelos quais a fenomenologia seria um método crucial para o novo modelo de Geografia a ser desenvolvido: o primeiro é a adoção das práticas culturais na análise geográfica e o segundo ponto é que para Relph a verdadeira fonte do conhecimento seria uma

“explicação centrada sobre as experiências vividas cotidianamente, e contextualizadas a partir dos instrumentos culturais que lhes são relativos”.

Toda essa influência humanista e fenomenológica é refletida na base conceitual da Geografia Humanista, destacamos aqui os conceitos de: paisagem, espaço e lugar (este último conceito será abordado de maneira mais detalhada em outro capítulo). Na geografia humanista a paisagem readquire seu valor conceitual, o espaço é tido para muitos autores como espaço vivido e o lugar é o conceito-chave dessa nova escola. Antes de iniciar a análise dos três principais conceitos da Geografia Humanista, vale destacar que nessa escola

[...] a paisagem, a região e os lugares, a despeito de suas características físicas, apreendidas imediatamente, são, de fato, estruturados por uma rede simbólica complexa. Esta rede é composta de valores, de representações, de imagens espaciais vividas e, para ser percebida, demanda um trabalho de interpretação aprofundado. A chave fundamental desta interpretação é o comportamento e a linguagem que, juntos estruturam o código de expressão deste universo simbólico. A análise deste código não pode ter pretensões universais, válidas para todos os casos, pois cada unidade manifesta, de uma maneira diferente, estas forças simbólicas, que são a fonte primária da análise. (GOMES, 1996, p. 322).

Para analisar a “Paisagem” utilizaremos, primeiramente, a visão de Dardel sobre o conceito, que em sua obra *O Homem e a Terra* (1952), faz uma abordagem da paisagem que foge das antigas descrições físicas da superfície terrestre. Para Dardel, mais que uma mera descrição e ajuntamento de elementos

[...] a paisagem é um conjunto, uma convergência, um momento vivido, uma ligação interna, uma “impressão”, que une todos os elementos. [...] A paisagem se unifica em torno de uma tonalidade afetiva dominante, perfeitamente válida ainda que refratária a toda redução puramente científica. Ela coloca em questão a totalidade do ser humano, suas ligações existenciais com a Terra, ou, se preferirmos, sua *geograficidade* original: a Terra como lugar, base e meio de sua realização. Presença atraente ou estranha, e, no entanto, lúcida. Limpidez de uma relação que afeta a carne o sangue. (DARDEL, 2011, p. 30-31, grifo do autor).

Percebemos que a rica visão de Dardel sobre a paisagem possui uma clara influência da fenomenologia, percebida em sua visão afetiva e que relaciona as experiências humanas com

a Terra. Dardel (2011, p. 31) também destaca que a paisagem não é um elemento estagnado ou uma “*linha fixa, mas um movimento, um impulso. [...] a paisagem não é, em sua essência, feita para se olhar, mas a inserção do homem no mundo, lugar de um combate pela vida, manifestação de seu ser social*”. A paisagem, então, é composta pelos elementos que estão presentes em determinada realidade geográfica, um exemplo de elementos negativos que caracterizam uma paisagem é apresentado por Dardel através da obra de Josué de Castro “*Geografia da Fome*” (1946) em que Dardel, citando Castro (1946), apresenta o caso da

[...] região brasileira do “Nordeste açucareiro”, onde as carências alimentares causam uma mortalidade verdadeiramente assustadora, passando de 300%. [...] Uma verdade emerge da paisagem, contudo não como teoria geográfica ou mesmo como valor estético, mas como expressão fiel da existência [...] (DARDEL, 2011, p. 32).

Identificamos que a partir da Geografia Humanista há uma retomada do conceito de paisagem e que não se pode falar de paisagem a não ser a partir de um viés da percepção, fruto da influência fenomenológica. Outros geógrafos humanistas (e até críticos, como é o caso de Milton Santos) analisaram a paisagem de maneira bastante interessante, como por exemplo, Relph (1987, p. 12), que define a paisagem a partir do “*contexto visual da experiência cotidiana*”. Ou ainda o célebre Tuan (1979, p. 89) tratando a paisagem como uma “*uma imagem integrada, construída pela mente e pelos sentidos*”.

Com relação ao estudo da paisagem por autores nacionais vale destacar que Milton Santos propõe um conceito de paisagem muito importante (mesmo não sendo um expoente da Geografia Humanista) e que possui elementos fenomenológicos. Para Santos (1988, p. 61) a paisagem é “*tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons e etc.*”.

O conceito de espaço é tratado pela maioria dos geógrafos humanistas como *Espaço Vivido*. A análise do espaço vivido é fortemente influenciada pela fenomenologia, e Relph apud Holzer (2012 p. 296) define de maneira simples o espaço vivido como uma “*estrutura oculta do espaço como aparece para nós em nossas experiências concretas do mundo como membros de um grupo cultural*”. A geógrafa irlandesa Anne Buttimer, grande nome da Geografia Humanista, sugere que cada indivíduo é o foco de seu próprio mundo e propõe que a pesquisa

fenomenológica deva promover uma ciência com mais sensibilidade e permeada pelo espaço vivido (*lived space*), em que cada pessoa

[...] is surrounded by concentric “layers” of lived space, from room to home, neighborhood, city, region, and nation. In addition, there may be “privileged places”, qualitatively different from all others, such as a man's birthplace, or the scenes of his first love, or certain places in the first foreign city he visited in youth. (BUTTIMER 1976, p. 283).

Para Holzer (apud Corrêa, 2000, p. 32) o espaço vivido é “*uma experiência contínua egocêntrica e social, um espaço de movimento e um espaço-tempo vivido que se refere ao afetivo, ao mágico, ao imaginário*”. De acordo com os geógrafos humanistas, podemos observar que o espaço vivido é apreendido pela percepção (individual e coletiva), pelas experiências, pelo imaginário (imaginário que é tratado recorrendo-se a Bachelard, em sua obra *A Poética do Espaço*, de 1957) e permeado de simbolismos e afetividade que são manifestadas

[...] tanto no que diz respeito ao gostar dos lugares como à movimentação espacial. Lugares e áreas longínquas tornam-se próximos em função da afetividade por eles, como se exemplifica com os lugares sagrados, objetivamente distantes. Nas sociedades primitivas o espaço vivido é afetivamente valorizado em razão de crenças que conferem especificidades a cada parte do espaço. (CORRÊA, 2000, p. 33).

O conceito de espaço vivido tem uma grande importância na realização deste trabalho, pois vimos que as letras do grupo **Chico Science e Nação Zumbi** só conseguem retratar a realidade da cidade de Recife, pois o principal letrista da banda – Chico Science – possuía uma sensibilidade muito grande para perceber, sentir e imaginar os elementos e simbolismos do espaço vivido, por ele concebido (cidade de Recife e o próprio Brasil) e posteriormente transformá-los em arte através de suas músicas permeadas desses mesmos simbolismos.

Por muito tempo na história da Geografia o conceito de lugar foi associado ao conceito de Região, mas a partir da década de 1970 com a influência fenomenológica e humanista, o Lugar na Geografia Humanista é tido como conceito-chave, ou seja, foi alvo (e ainda o é) de vários estudos, análises e teorias. O grande trunfo da Geografia Humanista foi estudar o Lugar

a partir do aporte teórico adquirido da experiência fenomenológica e realizar assim uma profunda e rica análise do conceito. Autores como Tuan, Relph e Buttimer adotaram como subsídios para análise do Lugar, elementos como: afetividade, corporeidade, experiência, percepção e outros elementos que em grande maioria são frutos da fenomenologia.

O geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan (1930) e o canadense Edward Relph (1944) foram os grandes pioneiros que estudaram intensamente o Lugar e o elevaram a conceito-chave da Geografia Humanista. Para Tuan o lugar é construído por nossas experiências e captado por nossos sentidos, os lugares não são apenas meras localidades espaciais; o lugar também é

[...] a center of meaning constructed by experience. Place is known not only through the eyes and mind but also through the more passive and direct modes of experience, which resist objectification. To know a place fully means both to understand it in an abstract way and to know it as one person knows another. At a high theoretical level, places are points in a spatial system. (TUAN, 1975, p. 151).

Tuan e Relph foram influenciados pela fenomenologia e influentes para geógrafos humanistas posteriores como o brasileiro Werther Holzer, que através da influência do geógrafo sino-americano, explica que

Tuan afirma que todos os lugares são pequenos mundos, articulados pelas redes intangíveis das relações humanas. Já em 1975 Tuan afirma que o lugar é um centro de significados geográficos, que se relaciona com o constructo abstrato que denominamos “espaço”. O lugar, afirma o autor, é constituído a partir da experiência que temos do mundo. (HOLZER, 2012, p. 297).

Partindo desse primeiro conceito de Lugar, já observamos elementos cruciais da análise feita pela Geografia Humanista como o simbolismo e a experiência, mas Corrêa (2000, p. 31) nos lembra e afirma que para Tuan o lugar também possui um “*espírito, uma personalidade, havendo um sentido de lugar que se manifesta pela apreciação visual ou estética e pelos sentidos a partir de uma longa vivência*”; revelando assim que a corporeidade e vivência também são importantes elementos que compõem o Lugar. Como já mencionado, nos deteremos a uma abordagem mais específica e profunda sobre o conceito de lugar na Geografia Humanista em outro capítulo.

Para finalizar, destacaremos o importante fato de que na Geografia Humanista houve uma aproximação entre a geografia e a arte. Gomes (1996) descreve de maneira muito clara sobre a importância do papel da arte na escola humanista do pensamento geográfico, e propõe para que se chegue a uma interpretação coerente das culturas, que o geógrafo

[...] deve ser capaz de reunir o maior número de elementos possíveis que tratam dos valores, das significações e das associações construídas por um grupo social. A arte é, em geral, considerada como o meio mais livre e mais espontâneo deste tipo de manifestação. Aquilo que a ciência não chega a reconhecer, devido aos limites impostos pelo método, a arte o consegue por um meio não-racional. Assim, da mesma maneira que os românticos, que consideravam a poesia e literatura como o berço da expressão dos valores humanos, os humanistas consideram a arte como o elemento de mediação entre a vida e o universo das representações. (GOMES, 1996, p. 314).

Percebemos que na Geografia Humanista, a arte foi alvo de análise acadêmica e utilizada como o elo entre a ciência geográfica e o mundo tal como ele é: composto por diferentes lugares, paisagens e espaços vividos. Ainda sobre a arte Gomes (1996, p. 325) ressalta que a arte na Geografia Humanista é exaltada por

[...] utilizar um vocabulário inconsciente para fazer transitar sensações reais e vividas sob a aparência de irrealidades. A valorização da arte pelos geógrafos humanistas explica-se exatamente por esta dimensão do conhecimento espontâneo, inconsciente e não-racional.

Um exemplo de utilização das artes nas análises geográficas humanistas é o surgimento da Geopoética.

2.6 Geopoética

Como vimos, na Geografia Humanista, a arte foi introduzida como um elemento de análise geográfica do espaço que possibilita compreender o mundo real de maneira subjetiva através das experiências, realidades e diferentes vivências do artista, que são irradiadas em grande parte de suas obras. Essa subjetividade presente na análise geográfica humanista advém da fenomenologia e reflete diretamente no surgimento e desenvolvimento de um novo ramo da Geografia: a Geopoética. Antes de descrevê-la, precisamos compreender a influência crucial

de dois importantes autores para o nascimento da Geopoética: o filósofo Gaston Bachelard e o geógrafo Eric Dardel, ambos franceses.

Gaston Bachelard (1884-1962) foi um filósofo francês adepto da Fenomenologia; sua obra *A Poética do Espaço*, de 1957, é um marco importantíssimo para os estudos em Geopoética. Bachelard nesta obra, procura compreender o ser humano em sua relação afetiva com os espaços do seu cotidiano, e realiza uma análise da poética da casa, retratando cada parte dela (porão, sótão, gavetas, cofres, armários), propondo assim uma nova visão de mundo através de relações afetivas e simbólicas ali vividas.

A poética do Espaço aborda a profunda a relação que o ente tem com sua casa e o que ela representa para toda sua vida. Essa análise é feita através de uma perspectiva fenomenológica que trata, de maneira muito poética, sobre como os significados que as experiências vivenciadas no lar são ao mesmo tempo físicos e imagéticas. Para Bachelard a casa, na história do ser humano

[...] afasta contingências, multiplica seus conselhos de continuidade. Sem ela, o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. Ela é corpo e alma. É o primeiro mundo do ser humano. Antes de ser “atirado ao mundo”, como o professam os metafísicos apressados, o homem é colocado no berço da casa. E sempre, em nossos devaneios, a casa é um grande berço. Uma metafísica concreta não pode deixar de lado esse fato, esse simples fato, na medida em que esse fato é um valor, um grande valor ao qual voltamos em nossos devaneios. O ser é imediatamente um valor. A vida começa bem; começa fechada, protegida, agasalhada no seio da casa. (BACHELARD, 1978, p. 201).

Observamos, segundo o autor, uma íntima relação de pertencimento e afetividade do homem com a casa; além disso, Bachelard expressa certa “corporeidade da casa” como se a casa fosse uma extensão do corpo humano, pois é na casa que temos as nossas primeiras experiências e contato com o mundo. Seguindo no campo da afetividade, Bachelard é o primeiro autor a falar de *Topofilia* e *Topoanálise*. Fruto de uma relação simbiótica entre espaço vivido, lugar e afetividade, a topofilia ganhou maior destaque ao ser citada por Yi Fu-Tuan em obra homônima (com relação às suas características, a topofilia será analisada com a devida

atenção em outro capítulo, juntamente com o conceito humanista de lugar.); já a Topoanálise é caracterizada como

[...] o estudo psicológico sistemático dos lugares físicos de nossa vida íntima. No teatro do passado que é a nossa memória, o cenário mantém os personagens em seu papel dominante. Às vezes acreditamos conhecer-nos no tempo, ao passo que se conhece apenas uma série de fixações nos espaços da estabilidade do ser, de um ser que não quer passar no tempo, que no próprio passado, quando vai em busca do tempo perdido, quer “suspender” o vôo do tempo. Em seus mil alvéolos, o espaço retém o tempo comprimido. O espaço serve para isso. [...] Nessas condições, a topoanálise tem a marca de uma topofilia. (BACHELARD, 1978, p. 202).

Um grande trunfo de Bachelard foi perceber como se dá a afetividade que o poeta possui com seu espaço vivido, revelando que o

[...] poeta vai mais ao fundo, descobrindo com o espaço poético um espaço que não nos encerra numa afetividade. Qualquer que seja a afetividade que dê cor a um espaço, seja ela triste ou pesada, desde que seja expressa, poeticamente expressa, a tristeza se tempera, o peso se alivia. O espaço poético, uma vez expresso, toma valores de expansão. Pertence à fenomenologia [...] O espaço aparece então ao poeta como sujeito do verbo desenvolver-se, do verbo crescer. (BACHELARD 1978, p. 328).

Cabe destacar aqui a visão da Licenciada em Geografia Dircélia Maria Soares de Oliveira (2011) que realizou uma análise do espaço poético na obra de Bachelard, revelando que

Numa perspectiva topofílica, os espaços analisados são a casa, o porão, o sótão, a cabana, a gaveta, o cofre, o armário, o ninho, a concha, o canto, que revelam uma fenomenologia do homem e sua relação com o mundo por meio da poesia que há dentro do homem e à sua volta. Poesia profunda no sentido de relação metafísica e psicológica. Poesia que pode e deve ser participada pelos seres humanos atentos, sensíveis, imaginativos e abertos ao devaneio. (OLIVEIRA, 2011, p. 76).

Ao relacionar em sua obra a poesia, espaço vivido, imaginação, afetividade e outros elementos humanistas-fenomenológicos, Bachelard torna-se não apenas um aporte teórico na construção e desenvolvimento da Geopoética, mas um pilar importantíssimo no surgimento deste novo ramo da Geografia Humanista.

A contribuição do geógrafo Eric Dardel (1899-1967), para a Geopoética reside, principalmente, em sua obra *O Homem e a Terra*, de 1952. Dardel foi o pioneiro em analisar a

Geografia baseado na fenomenologia (Dardel foi bastante influenciado por Martin Heidegger e Soren Kierkegaard), em que a “geo-grafia” representa uma grafia de símbolos e signos a serem decifrados, e que “*o conhecimento geográfico tem por objeto esclarecer esses signos, isso que a Terra revela ao homem sobre sua condição humana e seu destino*” (DARDEL, 2011, p. 2). Com toda essa base fenomenológica e geográfica, Dardel cria o conceito de *Geograficidade*, que é um ponto-chave para compreendermos o mundo por meio da Geopoética. Segundo Dardel a geograficidade é

[...] uma vontade intrépida de correr o mundo, de franquear os mares, de explorar os continentes. Conhecer o desconhecido, atingir o inacessível, a inquietude geográfica precede e sustenta a ciência objetiva. Amor ao solo natal, ou busca por novos ambientes, uma relação concreta liga o homem à Terra, uma *geograficidade* (*géographicité*) do homem como modo de sua existência e de seu destino. É dessa primeira surpresa do homem frente à Terra e à intenção inicial da reflexão geográfica sobre essa “descoberta” que se trata aqui, questionando a geografia na perspectiva do próprio geógrafo ou, mais simplesmente, do homem interessado no mundo circundante. (DARDEL, 2011, p. 1- 2, grifo do autor).

O geógrafo brasileiro W. Holzer (2001, p. 118) discute a geografia fenomenológica de Eric Dardel e destaca que a geograficidade proposta por Dardel refere-se a uma relação concreta do ser-no-mundo e “*desse modo, quando nos referimos à geografia enquanto ciência essencial, não seria a espacialidade o nosso objeto de estudo, mas a geograficidade*”. Outro grande nome da geografia humanista brasileira, Eduardo Marandola Jr., complementa que para Dardel, a geograficidade

[...] significa o laço primordial de cumplicidade que, em diferentes escalas, estabelecemos com nossa própria espacialidade, constituindo laços de diferentes naturezas que permitem ao homem ser. É a característica geográfica própria da existência, e por isso é inalienável de qualquer manifestação artística [...] (MARANDOLA JR., 2010, p. 10).

Como já vimos, Dardel foi fundamental para o desenvolvimento da geografia humanista e consequentemente para a Geopoética, por abordar a paisagem geográfica sob um viés fenomenológico (propondo a apreensão da paisagem e do espaço vivido pelos sentidos) e por adotar a geograficidade como uma nova forma de entender a relação do homem no mundo.

Se a geografia oferece à imaginação e à sensibilidade, até em seus vôos mais livres, o socorro de suas evocações terrestres, carregadas de valores terrestres, marinhos ou atmosféricos, também, sempre espontaneamente, a experiência geográfica, tão profunda e tão simples, convida o homem a dar à realidade geográfica um tipo de animação e de fisionomia em que ele revê sua experiência humana, interior ou social. (DARDEL, 2011, p. 6).

Podemos concluir que em “O homem e a Terra” observamos no discurso de Dardel, uma forma *geopoética* de descrição da paisagem, recheada de poesia, percepção, imaginação, simbolismos e signos, por exemplo.

A água não é somente o espelho com o qual a Terra se estende ao céu, às árvores, às montanhas. Ela mistura as imagens que se levantam das profundezas e aquelas que se referem ao céu ou à costa. A intimidade da substância líquida suaviza o dourado frio do reflexo, e cria um mundo de formas moventes que parecem viver sob o olhar. (DARDEL, 2011, p. 37).

A busca por uma conceituação da Geopoética não é um trabalho simples, porém buscaremos aqui relacionar algumas características comuns dessa nova abordagem geográfica e para isso citaremos alguns autores que se dedicam ao estudo da Geopoética, entre eles, “*o Pai da Geopoética*” Kenneth White, poeta e escritor, nascido em 1936, em Glasgow, na Escócia. White é o criador do termo *Geopoetics*, que em 1979 começa a ser usado por dois motivos

On the one hand, it was becoming more and more obvious that the earth (the biosphere) was in danger and that ways, both deep and efficient, would have to be worked out in order to protect it. On the other hand, I had always been of the persuasion that the richest poetics came from contact with the earth, from a plunge into biospheric space, from an attempt to read the lines of the world.¹

White cria em 1989 o *The International Institute of Geopoetics*, com objetivo de fomentar e disseminar a pesquisa em geopoética. No texto inaugural do Instituto, o autor nos mostra algumas preocupações e elementos que a geopoética aborda, nos lembrando que a geopoética “*is not one more contribution to the cultural variety show, nor is it a literary school, nor is it concerned with poetry considered as an art of intimacy. It is a major movement involving the*

¹ WHITE, Kenneth : **What is Geopoetics?** Inaugural Text : 1989 - Disponível em:<<https://www.geopoetics.org.uk/welcome/what-is-geopoetics>>. Acesso em: 27 out. 2014.)

very foundations of human life on earth.”². Podemos observar uma preocupação do autor em não delimitar ou restringir a atuação e abordagens em geopoética, como escreve White: “*In the fundamental geopoetic field come together poets and thinkers of all times and of all countries. [...]but geopoetics is not the exclusive domain of poets and thinkers*”³. O autor termina o texto inaugural esclarecendo que a Geopoética

[...] provides not only a place, and this is proving more and more necessary, where poetry, thought and science can come together, in a climate of reciprocal inspiration, but a place where all kinds of specific disciplines can converge, once they are ready to leave over-restricted frameworks and enter into global (cosmological, cosmopoetic) space. One question is paramount: how is it with life on earth, how is it with the world? A whole network can come into being, a network of energy, desire, competence and intelligence.⁴

A partir da visão de White, percebemos alguns elementos iniciais que são tratados no estudo da geopoética, o principal é: a manifestação poética da relação do indivíduo com o espaço vivido. Podemos observar elementos fenomenológicos no discurso de White. Para sustentar essa ideia e compreendermos melhor a geopoética proposta por White, convém mencionarmos outro artigo do autor: *Elements of geopoetics* (1992), em que White cita Bachelard e Heidegger, como no trecho abaixo:

It might be said that for Heidegger, ancient Greek is a pre-text that permits him to get closer to a primal world-text, but his obsessive archaeology (his etymologising), and his obsession of a “poem of being” irritates more mobile minds, such as that of Gaston Bachelard: “Metaphysics”, he writes in *The Poetics of Space*, “has nothing to gain from pouring its thought into fossile linguistic moulds”. [...] If Heidegger’s studies concerning the poem of being can appear obsessional and logomachic, Bachelard’s anthological commentaries can seem altogether too facile. To find a satisfying poetry and poetics, it looks as if we might go beyond the purist radicality of the one and the poetical complacency of the other. (WHITE, 1992, p. 171).

White (1992) descreve de maneira detalhada como iniciou sua jornada geopoética a partir da associação entre a poesia e elementos geográficos, observados pelo autor em obras literárias; é importante salientar que o autor já observa a criação de uma nova abordagem geográfica, como nota-se no trecho abaixo:

² ibidem

³ Ibidem

⁴ Ibidem

Around the end of 1978, I began talking about “geopoetics”. It seemed a good word for what, vaguely enough at the beginning, I felt I was “into” and “after”. It has something to do with geography, certainly - maybe a new type of geography. That I'd felt when, in the Ardeche, I'd read Henri Pourrat's *Vent de Mars* (The Wind of March) which contains this fine page on geography: “Geography, as we now see it, draws itself up to its full height in the sun, with the wind blowing through its hair, a little farther forward than geology and history. It is geology and history, it's even a kind of novel, but in a more serious way. It is the great investigation of man in action, action allied to the Creation, from the grain of wheat to the amazing nebula”. It had / geography behind it, as well as cosmology and philosophy such as I've outlined in the previous pages. But while the concept was growing in my mind, like a coral reef, I was also looking for actual writing. Working at it mainly in my own writing, but also searching for hints, directions, maybe at times corroborations in other writers scattered over space and time. Of that quotation from Henri Pourrat, I said it was a fine page. So it is. It's in the right space, if I may say - but it's all too metaphorical, anthropocentric, humanist, theological. I wanted something else. (WHITE, 1992, p. 172-173, grifo do autor).

Ao longo do artigo, White vai elencando vários autores que possuem em suas obras elementos geopoéticos belíssimos, além de analisar suas viagens pelo mundo sob uma ótica geopoética revelando assim que a percepção do espaço vivido é fundamental numa perspectiva geopoética.

A geopoética proposta por White começou a repercutir na academia a partir da década de 1980, sobretudo, com o movimento de renovação da Geografia Cultural (prova disso é a fundação do já mencionado *The International Institute of Geopoetics* em 1989). Podemos dizer que na década de 1990 vários geógrafos começaram a produzir artigos e análises geopoéticas (alguns já o faziam mesmo sem perceber), em sua esmagadora maioria, sobre obras literárias. No Brasil, os estudos e análises em geopoética estão começando a ganhar voz e vez na academia, sobretudo por dois importantes nomes: a Prof^a. Dra. Lúcia Helena Batista Gratão e o Prof Dr. Eduardo Marandola Jr.. Não por acaso, esses dois grandes nomes da geopoética brasileira organizaram o livro “*Geografia e Literatura – Ensaio sobre geograficidade, poética e imaginação*”, de 2010. No capítulo que abre o livro, Gratão e Marandola Jr. justificam os motivos pelos quais o estudo da literatura em Geografia se faz

necessário, relacionando a importância do humanismo e a percepção, herdados da fenomenologia, em obras literárias.

Na busca por elementos de geopoética explorados por autores brasileiros, encontramos as concepções de geopoética das autoras Lúcia Helena Gratão e Salete Kozel. Gratão faz uma leitura de geopoética à luz de Gaston Bachelard, ou seja, pela via da fenomenologia da imaginação poética. Para a autora a geopoética é

[...] esse vínculo afetivo ou relacionamento primordial Homem e Terra como base de existência; relação seminal. Geopoética, porque é uma geografia do interior; que brota de dentro do ser; o lado humano de criação, de arte, do sentimento além do pensamento; das demarcações da liberdade; do ser; inserção do homem no mundo. Uma geografia concebida pelos caminhos fenomenológicos. Uma geografia que alia o rigor da ciência à observação pessoal e poética. (GRATÃO, 2006, p. 179).

A Prof^a. Dra. da Universidade Federal do Paraná, Salete Kozel, destaca em seus estudos as relações que os seres humanos estabelecem com o mundo através de sua cultura, sentimentos e valores. Kozel nos propõe uma rica análise em geopoética, revelada por sua influência humanista-fenomenológica. Para a autora, a geopoética não se restringe apenas às análises literárias, pois

Refletir o mundo pela geopoética propõe o resgate da sua inteireza por meio de linguagens, expressas de formas diferenciadas e sensíveis como as artes visuais, a música, odores, expressão oral e escrita em combinação e sintonia [...] Em geopoética a poesia, o pensamento e a ciência podem convergir em reciprocidade para romper com as fragilidades inerentes à fragmentação e dualidade do conhecimento vislumbrando o “todo”; a “inteireza” do ser humano no mundo buscando refletir sobre a vida na terra e o papel do ser humano nesse contexto. (KOZEL; TEIXEIRA, 2012, p. 66).

Através da visão dos autores clássicos (Dardel, Bachelard e Kenneth White) e dessas duas grandes autoras nacionais, ousamos concluir que a Geopoética é um subsetor da Geografia Humanista, que se dedica a avaliar o espaço geográfico a partir de expressões artísticas como a literatura, poesia e música.

Um ponto-chave deste trabalho é o fato de que os estudos e análises em geopoética se debruçaram até agora maciçamente sobre a literatura, como o comprova o livro “*Geografia e*

Literatura – Ensaaios sobre geograficidade, poética e imaginação” (2010), que é composto por capítulos em que os autores analisam a geopoética contida em obras literárias.

A ousada proposta desta Monografia difere-se da maioria dos trabalhos, por buscar analisar a geopoética na perspectiva da expressão artística da música; e, mais precisamente, por realizar um estudo geopoético focado nas letras do grupo **Chico Science e Nação Zumbi** – em que procuramos identificar como o conceito humanista de “lugar” está imerso nas letras da banda.

3. O CONCEITO HUMANISTA DE LUGAR

Vimos ao longo das correntes do pensamento geográfico que vários conceitos foram abordados, de diferentes formas e em diferentes momentos históricos. O conceito de Lugar é um deles, pois antes era tido apenas como sinônimo de localidade em determinado espaço. Com o surgimento da Geografia Humanista houve uma recuperação, com ajuda do aporte da filosofia fenomenológica, dos conceitos de Paisagem e Lugar (este último, tornando-se conceito-chave da Geografia Humanista), que foram abordados sob uma ótica humanista e subjetiva nunca antes observada na abordagem geográfica. Elementos como “corporeidade”, “afetividade”, “espaço vivido”, “experiências sensoriais” e “imagéticas”, passam a fazer parte da análise geográfica, incluindo análises sobre o conceito de Lugar.

Analisaremos neste capítulo como o conceito de Lugar foi estudado e proposto na Geografia Humanista, bem como suas principais características. Para realizar esta análise, discutiremos as obras de autores que podem ser considerados “clássicos” da Geografia Humanista, textos de seus principais comentadores, e como o conceito humanista de Lugar está aplicado na bibliografia humanista da Geografia, buscando assim realizar uma abordagem abrangente sobre a proposição do conceito de Lugar nesta corrente do pensamento geográfico.

Na primeira parte, comentaremos a obra de dois autores clássicos (Yi-Fu Tuan e Edward Relph) e textos de três principais comentadores brasileiros (Lívia de Oliveira, Werther Holzer e Eduardo Marandola Jr.). Na segunda parte, analisaremos como o conceito de Lugar está dissolvido em duas obras da Geografia Humanista Brasileira.

3.1 O conceito de Lugar na obra de Yi-Fu Tuan – Topofilia e Topofobia

Iniciamos no capítulo anterior, uma breve abordagem sobre a análise que Yi-Fu Tuan (1930-) realiza sobre o conceito de Lugar, em que propõe que este é construído a partir das experiências que cada indivíduo tem do (no) mundo, e que essa experiência passa por relações de simbolismo, corporeidade e afetividade dos indivíduos com os lugares. Em sua obra *Espaço e Lugar: A Perspectiva da Experiência* (1977), Tuan afirma que a intimidade que temos com determinado espaço por meio da experiência, torna-o um lugar; não é um processo

de grande complexidade, pois o espaço que vivemos cotidianamente é o nosso lugar. O professor e pesquisador Werther Holzer destaca que Tuan

[...] caracterizava o lugar a partir da experiência. O lugar era avaliado como lar, em suas diversas escalas: o próprio lar, a vizinhança, a cidade, a região (a qual atribuía características semelhantes à da vizinhança), e ao estado-nação. Discutia também o papel da arte, da educação e da política na formação da experiência que toma os lugares visíveis. (HOLZER, 2003, p. 121).

Lívia de Oliveira (1948-) é uma grande estudiosa do trabalho de Tuan. Traduziu o livro *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente* (originalmente de 1974) para o português em 1980; e, no ano de 1983, a obra *Espaço e Lugar* (originalmente de 1977). Com embasamento em Tuan propõe que além de conhecermos o nosso lugar,

[...] cada um tem seu lugar. Assim sendo, onde vivemos, nossa residência, nosso bairro inteiro, se tornam um lugar para nós. A própria pátria, vista como nosso lar, afetivamente se torna um lugar. [...] o espaço é mais abstrato e o lugar mais concreto. A valorização do lugar provém de sua concretude; embora seja passível de ser engendrado ou conduzido de um lado para o outro, é um objeto no qual se pode habitar e desenvolver sentimentos e emoções. Tal realidade concreta é atingida por meio de todos os nossos sentidos, com todas as nossas experiências, tanto mediante a imaginação quanto simbolicamente. (OLIVEIRA, 2012, p. 11-12).

Percebemos que a autora apreende fielmente o discurso de Tuan sobre o Lugar em suas dimensões afetivas e simbólicas. Lívia de Oliveira (2012, p. 12) discorre que “*conhecer um lugar é desenvolver um sentimento topofílico ou topofóbico. Não importa se é um local natural ou construído, a pessoa se liga ao lugar quando este adquire um significado mais profundo*”. A partir deste trecho, uma compreensão sobre o Lugar em Tuan pode ser feita: ela se daria a partir dos conceitos de Topofilia e Topofobia. Tuan em sua principal obra, *Topofilia...*, nos apresenta o conceito deste neologismo

A palavra “topofilia” [...] pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material. Estes diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão. A resposta ao meio

ambiente pode ser basicamente estética: em seguida, pode variar do efêmero prazer que se tem de uma vista, até a sensação de beleza, igualmente fugaz, mas muito mais intensa, que é subitamente revelada. A resposta pode ser tátil: o deleite ao sentir o ar, água, terra. Mais permanentes e mais difíceis de expressar, são os sentimentos que temos para com um lugar, por ser o lar, o *locus* de reminiscências e o meio de se ganhar a vida.

A topofilia não é a emoção humana mais forte. Quando é irresistível, podemos estar certos de que o lugar ou meio ambiente é o veículo de acontecimentos emocionalmente fortes ou é percebido como um símbolo. (TUAN, 2012, p. 135-136, grifo do autor).

Entendemos em Tuan que o termo Topofilia associa afetividade e lugar, relação simbiótica de mútua existência entre a construção do lugar enquanto fruto de experiências e vivências. Tuan extrapola as fronteiras do meio ambiente natural e relata que o primeiro lugar que experimentamos e vivemos é o corpo dos nossos pais. As relações topofílicas são, então, construídas e vividas por nós durante toda a vida: desde o primeiro contato com os pais até a fase idosa – principalmente por meio de lembranças agradáveis e saudosistas. O lugar íntimo é responsável pelos sentimentos topofílicos. Para Tuan

Os lugares íntimos são tantos quantos as ocasiões em que as pessoas verdadeiramente estabelecem contato. Como são estes lugares? São transitórios e pessoais. Podem ficar gravados no mais profundo da memória e, cada vez que são lembrados, produzem intensa satisfação, mas não são guardados como instantâneos no álbum de família nem percebidos como símbolos comuns: ladeira, cadeira, cama, sala-de-estar, que permitem explicações detalhadas. Não se podem desenhar nem planejar deliberadamente, com a mínima garantia de êxito, as condições de troca genuína de intimidade. (TUAN, 1983, p. 156).

Outro termo que merece ser abordado (mesmo que de forma superficial) é a Topofobia. É um conceito oposto a Topofilia, e vem retratar aqueles sentimentos e experiências negativas em relação a determinado lugar; não há uma desconstrução do lugar, mas diz respeito a vivências desagradáveis experimentadas em algum lugar. Em sua obra *Paisagens do medo* Tuan (2005, p. 7) nos mostra vários exemplos de relações topofóbicas e que se pararmos para refletir quais são as origens do nosso medo

[...] certamente inúmeras imagens acudirão à nossa mente: medo do escuro e a sensação de abandono quando criança; ansiedade em lugares desconhecidos ou em reuniões sociais; pavor dos mortos e do sobrenatural; medo das doenças, guerras e catástrofes naturais; desconforto ao ver hospitais e prisões; medo de assaltantes em ruas desertas e em certos bairros [...]

Percebemos que Tuan estudou a fundo a temática do Lugar e sua contribuição para a ciência geográfica é indiscutível. Devemos ressaltar que o estudo do Lugar proposto por Tuan através das relações de topofilia e topofobia é um importante subsídio para que se alcance uma (das várias possíveis) compreensão do Lugar na ótica da Geografia Humanista.

3.2 Edward Relph – O Lugar como Fenômeno de Experiência Viva

Edward Relph (1944-) é um expoente da Geografia Humanista e seus estudos sobre o conceito de Lugar contribuíram para colocar o conceito como o mais abordado em análises de Geografia Humanista. Em sua famosa obra, *Place and placelessness*, publicada em 1976, Relph destaca que o Lugar é entendido como um fenômeno apreendido através de experiências vividas, Relph sugere que a essência e a identidade do lugar são as chaves para a compreensão da construção dos lugares. O geógrafo brasileiro Werther Holzer comentou que em Relph

[...] a essência do lugar é a de ser o centro das ações e das intenções, onde são experimentados os eventos mais significativos de nossa existência. [...] Lugares são os contextos ou panos de fundo para a intencionalidade definir objetos ou eventos, ou seja, eles podem ser objetos da intenção em seu sentido primordial [...], pois toda consciência não é meramente consciência de algo, mas de algo em seu lugar, e [...] esses lugares são definidos geralmente em termos dos objetos e de seus significados. Como objetos, no seu verdadeiro sentido, lugares são essencialmente focos de intenção, que têm usualmente uma localização fixa e traços que persistem em uma forma identificável. (RELPH apud HOLZER, 1999, p. 72).

Assim, percebemos que a análise de Lugar proposta por Relph parte das relações de experiência num espaço vivido dotado de intencionalidade. Para Relph (1976) os lugares possuem várias identidades, sendo que a identidade refere-se ao espírito, ao sentido, ao gênio desse lugar, ela provém das intenções e experiências que resultam da familiaridade. As identidades “[...] não podem ser entendidas simplesmente em termos de padrões físicos e de traços observáveis, nem só como produtos de atitudes, mas como uma condição indissociável destes.” (RELPH apud HOLZER, 1999, p. 72).

Em seu artigo *Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de Lugar* – traduzido por Marandola Jr. (2012, p. 22) –, Relph discorre que o Lugar não é apenas “aquilo que possui raízes, conhecer e ser conhecido no bairro; não é apenas a distinção e apreciação de fragmentos de Geografia”. Podemos concluir, segundo o próprio autor, que o Lugar é construído através da nossa existência; não é estático, mas é fruto das experiências vividas pelos seres humanos. Relph descreve que o Lugar possui vários aspectos, mas destaca que o mais importante é abordar o Lugar de forma crítica, pois “é igualmente importante compreender que é por meio de lugares que indivíduos e sociedades se relacionam com o mundo, e que essa relação tem potencial para ser ao mesmo tempo profundamente responsável e transformadora”. (RELPH, 2012, p. 27).

3.3 Eduardo Marandola Jr. – O Lugar no mundo contemporâneo

O pesquisador Eduardo Marandola Jr. é um atual e ativo representante brasileiro da Geografia Humanista. Organizador dos livros *Qual o Espaço do Lugar* (2012) e *Geografia e Literatura* (2010), possui trabalhos em diferentes áreas da Geografia Humanista. Em seu artigo *Lugar enquanto circunstancialidade* (2012), o autor nos apresenta uma abordagem sobre como o conceito de Lugar está inserido no mundo contemporâneo. Primeiramente, para Marandola Jr. não devemos analisar o Lugar como um conceito abstrato e científico, pois

[...] o lugar se refere à mundanidade de nosso cotidiano, e por isso ele é fundamental quando pensamos o ser-no-mundo e a existência. Entendido em sua dimensão ontológica, supera os diferentes contextos históricos, transformando-se à medida que se mantém em dia com cada temporalidade. Referindo-se à própria forma de ser-e-estar-no-mundo, lugar é inalienável e, portanto, permanece como fundante das

transformações socioespaciais. Longe de ser estático, ele é dinâmico, pois corresponde à própria essência do ser, que é igualmente viva. (MARANDOLA JR., 2012, p. 230).

Podemos perceber que para o autor, o conceito de Lugar parte da nossa vivência experimentada e aplicada ao nosso cotidiano social, e é através do Lugar que nos inserimos no mundo tal como ele é. Para fortalecer seu argumento, Marandola Jr. baseia-se em Martin Heidegger (1889-1976), e em Antony Giddens (1938-), que faz uma diferenciação entre local e lugar.

Local é entendido como uma região física que limita a ação (em contraposição ao global), onde a proximidade se impõe e mecanismos de poder possuem processos e gêneses claramente identificadas, permitindo a concentração da ação. Já lugar está associado a um âmbito mais visceral de relação simbólica entre as pessoas, a cultura e os grupos sociais, na esteira dos próprios geógrafos humanistas, como Tuan e Relph [...] (MARANDOLA JR., 2012, p. 238).

Ao longo do artigo, Marandola Jr. nos mostra que o lugar continua a operar como centro cognitivo, afetivo e lógico do nosso mundo vivido, para ele a constituição do lugar e do eu

[...] são indissociáveis, pois têm os mesmos processos constitutivos, operando nos dois pólos: eu-lugar. Ambos compõem a centralidade egocêntrica da circunstancialidade do ser-no-mundo, e por isso as análises sobre as transformações na experiência contemporânea se referem também ao lugar. Esse lugar pode ser um conjunto, pode ser uma cidade, pode ser um quarto. (MARANDOLA JR., 2012, p. 244).

O autor termina o artigo enaltecendo a importância de estudar o conceito de Lugar sob uma perspectiva contemporânea, ressaltando que o Lugar, mesmo possuindo vários sentidos e espaços, ainda é um conceito que nos ajuda a enfrentar os desafios cotidianos, pois é no Lugar que somos atingidos pelos problemas, ao mesmo tempo em que podemos buscar forças para superá-los. Marandola destaca que o Lugar é

[...] forte, necessário, imprescindível para pensar uma experiência mais autônoma e menos autômata no mundo contemporâneo. Se circunstancialidade é de fato uma abertura para se compreender o sentido de lugar, então é nesta situação atual, nesta possibilidade, que o lugar deve ser entendido: *no centro do mundo circundante da cotidianidade, enquanto fundamento espacial da existência*. (MARANDOLA JR., 2012, p. 244, grifo do autor).

3.4 O conceito de Lugar aplicado em obras brasileiras da Geografia Humanista

Abordaremos aqui, como o conceito de Lugar está diluído em dois textos da Geografia Humanista brasileira, são eles: *O Triunfo do Lugar sobre o Espaço* e *Corporeidade e Lugar*, ambos são capítulos e estão incluídos no livro *Qual o Espaço do Lugar?* (2012).

No primeiro texto, de autoria de João Baptista Ferreira de Mello, já no início é revelado que o capítulo percorrerá caminhos que passarão pelo cotidiano, arte, lazer, religiosidade e afetividade, numa busca pelo conceito de Lugar, destacando que “as rotas, a casa, o bairro, bem como seus componentes mais diversos, como as pedras do caminho, integram a expressão e a alma dos lugares. Estes, quando efêmeros, podem igualmente se perpetuar no íntimo das pessoas.” (MELLO, 2012, p. 40).

Na primeira parte deste capítulo, o autor nos revela que de acordo com nossas experiências, os Lugares podem ser transitórios ou eternos; e, diante disso, nos apresenta como o Palco (arena de realizações artísticas) pode configurar-se como um Lugar, ao destacar que

O artista sente-se à vontade no palco, ancoradouro e arena de labor, pleno de virtualidade, um lugar interiorizado em seu ser, não importando sua dimensão – seja um micropalco ou um gigantesco tablado – ou a localização geográfica. O palco como lugar, reveste-se de uma transitoriedade inerente à sua própria natureza. Dissipada a sua função de entretenimento, cultura e reflexão, e despovoado de assistência, torna-se um espaço desolado, esquecido em sua descartabilidade ou contendo um lugar imorredouro, carregado de lembranças, regozijo e contemplação.

Alçado à categoria de lugar, o palco – transitório ou eterno – necessita do artista e da plateia à primeira vista, o artista é o centro das atenções. No entanto, sem a plateia, o palco não se constitui em lugar [...] (MELLO, 2012, p. 43-44).

Percebemos que o Lugar não existe por si só, isolado, pois é fruto de relações construídas, experimentadas e vividas. O autor nos mostra que sem a integração entre palco, artista e plateia, o palco se resumiria a uma mera espacialidade.

Ao longo do capítulo o autor vai exaltando a importância e constituição do Lugar e faz um importante atento ao destacar que “O lugar, erigido no íntimo do indivíduo e dos grupos sociais, independentemente da conectividade, não pode ser medido em milhas, tempo de viagem ou custo, mas em termo de importância, como centro de significação” (MELLO, 2012, p. 55). Com isso, o autor nos apresenta a temática dos lugares de turismo e viagens, que são analisados como momentos, permeados de laços topofílicos, de fuga da rotina de trabalho, onde atletas, por exemplo, ao viverem essas experiências, percebem o lugar como “uma arena de liberdade, portadora de diversas formas de escapismo” (p. 57). A imaginação também faz parte da construção do Lugar, pois ela é

[...] um veículo de liberdade e condutora de escapadas temporárias, em meio à desatenção, ou sonhadoras, como voar ou ancorar em portos seguros. Quando rodeado de problemas ou em instantes felizes, o indivíduo espairose, caminhando por outros mundos, com o próprio corpo, ou por intermédio de novelas, livros, filmes, canções, jogos etc. Na realidade, o pensamento não obedece a fronteiras. Consequentemente, as distâncias não são obstáculos. Assim, do seu lugar vivido, o ser humano tem a capacidade de transitar em lapsos de segundo e de viver simultaneamente em vários mundos/lugares. (MELLO, 2012, p. 58).

A memória possui um importante papel na construção do Lugar, pois através da memória eternizamos os lugares que fizeram (e fazem) parte da nossa história. Sejam memórias individuais ou coletivas, ambas nos ajudam a reconstruir e reviver vários lugares que são nossos.

O outro texto é *Corporeidade e Lugar*, do autor Eguimar Felício Chaveiro. Esse capítulo é relevante neste capítulo por abordar de maneira mais profunda, a relação entre Corpo e Lugar. Numa primeira tentativa de definição, o autor propõe que o corpo

[...] é a propriedade pela qual o sujeito pode fundar sua extrema singularidade, registrar na carne a sua história na linha de contato e de intersecção com a história

do mundo e dos lugares, mote para experimentar a si mesmo, peça de sentido para colher a propriedade das coisas e para afetá-las com a percepção e com a ação, recursos de estranhamento no tempo e de realização temporal no encontro com o outro, figura de interferência, de gozo – e de descoberta. (CHAVEIRO, 2012, p. 250).

Podemos inferir que através do nosso corpo, experimentamos, agimos e vivemos nossas vidas ao longo de vários lugares. O autor explica que “os lugares são arenas vitais para – e pela – ação das corporeidades, por onde o mundo torna factível, encarnado, real e possível” (CHAVEIRO, 2012, p. 251). Percebemos uma intrínseca relação entre corpo e lugar, e já não podemos pensar na existência do corpo sem um lugar, pois a nossa humanidade é vivida e exercida através da corporeidade, que nos torna um imenso acervo de histórias íntimas ligadas às histórias sociais. O autor analisa que o nosso corpo pode ser chamado de *Guardador de Lugares*, através dos

[...] contatos com o mundo pela via da alimentação, da moradia, do trabalho, das ligações simbólicas com a educação e com o afeto dos pais, do desenvolvimento da sexualidade, das experiências de contato, dos perigos causados pelas brincadeiras e do lazer, dos sentimentos interditados ou os expressos e repulsados [...] (CHAVEIRO, 2012, p. 253).

O autor encerra o capítulo nos mostrando que somente através da percepção nós apreendemos os lugares e o damos sentido. Um fato que devemos destacar é que: corpo e lugar possuem relações permeadas de subjetividades que não estão

[...] isentas de controle ou conflitos, tais como os lugares por onde se caminhou na vida de acordo com as trajetórias históricas de um indivíduo ou de um grupo; lugares simbólicos como as catedrais, teatros, cinemas etc. Os lugares aqui não são concebidos, mas vividos pela experiência do corpo. (CHAVEIRO, 2012, p. 268).

Para concluir, podemos perceber que em obras geográficas de cunho humanista, o conceito de Lugar está dissolvido em simbolismos, afetividades, corporeidade e relações subjetivas. O Lugar passou de mera localidade para um conceito-chave, carregado de significados que revelam como o ser humano exerce (através do corpo) a sua humanidade na sociedade.

Trabalhar com o conceito de Lugar é revisitar nossas memórias, voltar na infância, lembrar de momentos felizes, reviver alguns medos, tentar sentir novamente sensações que foram experimentadas pelo nosso corpo em diferentes momentos da nossa vida. Estudar o Lugar nos possibilita compreender nossa sociedade, seus problemas, nossa realidade e nossos próprios atos.

4. A CENA MANGUE

Nesta Monografia, entendemos que diversas letras do grupo musical **Chico Science & Nação Zumbi**, foram frutos das relações corpóreas, afetivas e simbólicas que os integrantes viveram e construíram num determinado Lugar (no caso, a cidade de Recife/PE), e num determinado momento histórico (últimas décadas do século XX). Para compreendermos a temática das letras do grupo musical, seus simbolismos e significados, temos antes que analisar como ocorreu o surgimento da Cena Cultural **Mangue**, quais eram suas principais características, as contribuições literárias, e em qual contexto histórico, econômico, social e cultural os jovens de Recife estavam inseridos quando eclodiu o surgimento do Manguebeat; tudo isso buscando entender qual era o Lugar vivido e retratado por Chico Science em suas canções.

4.1 Recife a quarta pior cidade do mundo!

A cidade de Recife, capital do estado de Pernambuco, foi fundada no século XVI pelos portugueses e começou a se desenvolver a partir da monocultura da cana de açúcar ainda no sistema de capitanias hereditárias. Sua urbanização ocorreu sobre grandes áreas de manguezal onde várias partes da cidade eram ligadas por pontes. Enquanto o preço internacional do açúcar se mantinha alto, a cidade de Recife garantia seu status econômico, mas a partir das primeiras décadas do século XX, observou-se a queda internacional do preço do açúcar e consequentemente a decadência econômica e social da chamada “Capital do Nordeste”. Com o golpe militar de 1964 essa decadência econômica aumentou e refletiu diretamente nos investimentos na área de cultura, que além de ocorrer uma diminuição eram restritos a práticas folclóricas e regionais como o Movimento Armorial, que surgiu em 1970, com Ariano Suassuna, e propunha

[...] uma retomada, no âmbito erudito, de elementos artístico-culturais (musicais, visuais, orais, plásticos e simbólicos) mantidos quase inertes no sertão árido do Nordeste, ao sabor da história, provenientes da Península Ibérica, com as influências cristãs e mouras, e das culturas indígenas. [...] A proposta geral dos armoriais era a de produzir uma arte brasileira fundamentada nas raízes culturais populares e sertanejas que fizesse frente ao constante apelo de compositores e artistas às influências estrangeiras tidas como obstáculos à construção de uma identidade para a arte nacional. (VARGAS, 2007, p. 38).

Houve uma relação explícita observada entre a arte nacionalista proposta pelos armoriais e as políticas culturais do regime militar, ambas buscando a preservação cultural brasileira de estrangeirismos.

Na década de 1980 crescia em Recife (e também na cidade vizinha de Olinda) o número de jovens músicos que tocavam música popular urbana (alguns, inclusive, misturavam influências regionais e contemporâneas em sua sonoridade) e buscavam alcançar algum espaço para divulgação e apresentação, mas esbarravam na posição do governo pernambucano, que manteve o apoio intenso às práticas culturais folclóricas e regionais. Diante dessa realidade, no fim da década de 1980 houve um grande aumento no número de jovens insatisfeitos não só com a cultura de Pernambuco, mas com a situação socioeconômica da cidade de Recife, que, de acordo com pesquisa do *Institut Population Crisis Commitee*, de Washington (conforme publicado em 26 de novembro de 1990, no *Jornal do Commercio*, de Pernambuco), foi considerada a quarta pior cidade do mundo para se viver na década de 1980, apresentando a maior taxa de desemprego do país naquele ano, e mais da metade de sua população vivendo em favelas pelos mangues recifenses.

Percebemos o caos que era Recife no fim da década de 1980 através do depoimento de um dos mentores da Cena Manguê, Renato Lins.

Eu acho que, para entender o Manguê, é preciso entender o que era o Recife nos anos oitenta. Porque ao contrário do Rio, de Brasília e de São Paulo, que são cidades grandes, aqui, aquela movimentação do *rock* brasileiro não frutificou. Então, (Recife) passou os anos oitenta inteiros mergulhados na pasmaceira. Não acontecia nada na cidade. Mas não acontecia nada no sentido de não haver nenhuma festa legal, pelo menos na opinião da gente. Raramente uma banda de *rock* aparecia na cidade. E isso era reflexo de uma estagnação cultural muito profunda e que, claro, incomodava muito a gente. E a maior parte das pessoas que se envolveram com o Manguêbeat, no início, eram pessoas que não tinham grana pra sair da cidade, pra migrar pra outra cidade. Ou não tinham grana pra migrar ou não era tão interessante migrar pra São Paulo. Ou porque eram preguiçosos, sei lá. Por vários motivos, todo mundo ficou aqui no Recife. Então quando chegou no final dos anos oitenta, início

dos anos noventa, realmente era uma situação bastante sufocante. (MATOS, 2008, p. 20, grifo do autor).

Fred Zero Quatro, jornalista, líder da banda *Mundo Livre S/A* e um dos principais idealizadores da Cena Manguê ao lado de Chico Science, era totalmente contrário à falta de oportunidades que os novos artistas recifenses enfrentavam devido ao monopólio cultural que ocorria em Recife. Fred explica que

[...] há no Recife uma hegemonia de certa estética regionalista, folclórica, tradicionalista, que é totalmente sufocante. Os órgãos públicos, os canais que poderiam fomentar um certo renascimento cultural, uma vez que a economia estava totalmente destruída, estavam e estão todos mergulhados no regionalismo oficial, que tem um braço acadêmico e erudito, o Movimento Armorial, e uma vertente mais folclórica, que eu costumo chamar de macumba para turista. A política cultural dominante em Recife sempre foi essa, de folclorizar, de estagnar ou então de cercar pelo erudito, como faz o Movimento Armorial. Ele se julga o proprietário da cultura popular regional. (MATOS, 2008, p. 60).

Observamos que no fim da década de 1980 a situação em Recife não era nada boa, tanto economicamente quanto culturalmente, pois vários artistas surgiam e continuavam sem apoio e locais para divulgar sua arte, uma revolução era necessária, alguém devia iniciar uma mudança da “monocultura Armorial”.

4.2 Chico Science e o início da Cena Manguê

Francisco de Assis França (1966-1997) nasceu em Olinda numa família de classe média baixa. Seu pai chegou a ser vereador de Olinda e sua mãe era dona de casa. Ganhou de um amigo o apelido de Chico Science e utilizou o pseudônimo como nome artístico. Passou sua infância e boa parte da adolescência catando caranguejos nos mangues próximos a sua casa e com o dinheiro ia aos bailes *funks* e comprava discos de *Black music*. Foi nessa época que Chico Science começou a se envolver com música: dançando com os amigos em grupos de *break dance* e mais tarde formando duas bandas com os amigos de vários anos – *Orla Orbe* (durou pouco tempo) e *Louстал*, já na cidade de Recife. A banda *Louстал* era formada por Chico Science e alguns amigos de vários anos (que futuramente viriam a compor a Nação

Zumbi), o som da banda era experimental e bem próximo ao rock, mas os membros da banda eram influenciados por distintos gêneros musicais: música negra americana – *funk* e *soul music*, rap, rock e

[...] havia também os ritmos tradicionais das festas populares que ocorriam em Olinda e Recife: desde garotos, os rapazes ouviam maracatus, cocos, cirandas, caboclinho, cavalo-marinho e muitas outras músicas, danças e folguedos pelas ruas. Alguns apenas olhavam de longe; outros eram levados pelos pais. Todos, no entanto, carregavam, de um jeito ou de outro, as informações das músicas locais. (VARGAS, 2007, p. 107).

No fim dos anos 1980, quando Chico trabalhou na Emprel (Empresa Municipal de Processamento Eletrônico, da Prefeitura de Recife) conheceu Gilmar, conhecido por Gilmar Bola Oito, que tocava percussão num bloco de *samba-reggae* de nome Lamento Negro. Chico Science ao conhecer o bloco Lamento Negro, ficou maravilhado com a intensidade e qualidade do som das percussões e propôs que sua banda, Loustal, fizesse um ensaio com Lamento Negro. De início a ideia foi rejeitada por ambas as bandas, mas Chico persistiu com a ideia de junção da música contemporânea com a música regional, propondo ao Lamento Negro que ao invés do *samba-reggae*, eles tocassem o maracatu – ritmo musical pernambucano com influências africanas –, pois assim haveria uma combinação sonora que se encaixaria com o rap, funk e rock. Os próprios membros das duas bandas relatam a bagunça que marcou o início da junção entre sonoridades, mas aos poucos, foram aceitando a proposta e se entrosando musicalmente. Dessa fusão musical surgiu a banda **Chico Science e Nação Zumbi**.

O ciclo de amigos de Chico Science era bem variado e teve fundamental importância no início da Cena Mangubeat. Um primeiro grupo de amigos formados por Renato Lins, Xico Sá, H.D Mabuse, Hélder Aragão e Fred Zero Quatro (vocalista da banda *Mundo Livre S/A*) foi um importante núcleo de criação das ideias do Mangubeat; foi através de Mabuse que Chico Science conheceu Fred Zero Quatro e os outros membros do grupo citado acima. Essa amizade aumentou o núcleo inicial do Mangubeat, pois Chico apresentou seus amigos de banda aos novos amigos (estamos na transição dos anos 1980 para 1990). Esses jovens eram de classe média baixa e tinham em comum o gosto pela música pop mundial diversa, tecnologia, jornalismo e também estavam insatisfeitos com a cena cultural recifense do início

da década de 1990. Fred e Chico se tornaram muito amigos, principalmente por partilharem a mesma insatisfação: possuir uma banda em Recife e não ter nenhum apoio para divulgação e locais para apresentação. Da insatisfação surge a movimentação.

O objetivo estético parecia ser o principal motor desses jovens interessados em música pop, paralelo às ações políticas de abrir espaços de divulgação, de incrementar a cena musical de uma cidade musicalmente rica, mas em completo estado de estagnação cultural. (VARGAS, 2007, p. 111).

4.3 O Manifesto Manguê – Caranguejos com Cérebro

O principal marco oficial do início da Cena Manguê foi a elaboração de um *release*⁵ chamado *Caranguejos com Cérebro*, escrito por Fred Zero Quatro em 1992 para um jornal local e chamado pela imprensa de *O Primeiro Manifesto Manguê*. Esse *release* é curto e direto, dividido em três partes. O argumento central do texto é relacionar a riqueza e diversidade do ecossistema manguê à riqueza e diversidade da cultura recifense.

Caranguejos com Cérebro – Fred Zero Quatro

Manguê - O conceito

Estuário. Parte terminal de um rio ou lagoa. Porção de rio com água salobra. Em suas margens se encontram os manguezais, comunidades de planos tropicais ou subtropicais inundadas pelos movimentos dos mares. Pela troca de matéria orgânica entre a água doce e a água salgada, os mangues estão entre os ecossistemas mais produtivos do mundo. Estima-se que duas mil espécies de microorganismos e animais vertebrados e invertebrados estejam associadas à vegetação do mangue. Os estuários fornecem áreas de desova e criação para dois terços da produção anual de pescados do mundo inteiro. Pelo menos oitenta espécies comercialmente importantes dependem dos alagadiços costeiros. Não é por acaso que os mangues são considerados um elo básico da cadeia alimentar marinha. Apesar das muriçocas, mosquitos e mutucas, inimigos das donas-de-casa, para os cientistas os mangues são tidos como os símbolos de fertilidade, diversidade e riqueza. Chico Science, vestido de lanceiro - figura típica do folclore pernambucano. Ao lanceiro, cabe zelar pelo bem-estar da rainha do maracatu.

⁵ Release se trata de um texto distribuído à imprensa em linguagem jornalística que deve ser objetivo e sintético. Fonte: < www.estudiodecomunicacao.com.br > Acesso em 04 nov 2014.

Manguetown - A cidade

A planície costeira onde a cidade do Recife foi fundada é cortada por seis rios. Após a expulsão dos holandeses, no século XVII, a (ex) cidade “maurícia” passou a crescer desordenadamente às custas do aterramento indiscriminado e da destruição dos seus manguezais.

Em contrapartida, o desvario irresistível de uma cínica noção de “progresso”, que elevou a cidade ao posto de “metrópole” do Nordeste, não tardou a revelar sua fragilidade.

Bastaram pequenas mudanças nos “ventos” da história para que os primeiros sinais de esclerose econômica se manifestassem no início dos anos 60. Nos últimos trinta anos, a síndrome da estagnação, aliada à permanência do mito da “metrópole”, só tem levado ao agravamento acelerado do quadro de miséria e caos urbano.

O Recife detém hoje o maior índice de desemprego do país. Mais da metade dos seus habitantes moram em favelas e alagados. Segundo um Instituto de estudos populares de Washington, é hoje a quarta pior cidade do mundo para se viver.

Mangue - a cena

Emergência! Um choque rápido, ou o Recife morre de infarto! Não é preciso ser médico pra saber que a maneira mais simples de parar o coração de um sujeito é obstruir suas veias. O modo mais rápido também, de enfartar e esvaziar a alma de uma cidade como o Recife é matar os seus rios e aterrar os seus estuários. O que fazer para não afundar na depressão crônica que paralisa os cidadãos? Como devolver o ânimo, deslobotomizar e recarregar as baterias da cidade? Simples! Basta injetar um pouco da energia na lama e estimular o que ainda resta de fertilidade nas veias do Recife.

Em meados de 91, começou a ser gerado e articulado em vários pontos da cidade um núcleo de pesquisa e produção de idéias pop. O objetivo é engendrar um “circuito energético”, capaz de conectar as boas vibrações dos mangues com a rede mundial de circulação de conceitos pop. Imagem símbolo, uma antena parabólica enfiada na lama.

Hoje, os mangueboys e manguegirls são indivíduos interessados em hip-hop, colapso da modernidade, Caos, ataques de predadores marítimos (principalmente tubarões), moda, Jackson do Pandeiro, Josué de Castro, rádio, sexo não-virtual, sabotagem, música de rua, conflitos étnicos, midiotia, Malcom Maclaren, Os

Simpsons e todos os avanços da química aplicados no terreno da alteração e expansão da consciência.” (VARGAS, 2007, p. 65)

Na primeira parte do *release*, o autor apresenta o conceito do ecossistema mangue, abordando a fertilidade, riqueza e importância para fauna e flora, destacando que o mangue é um dos ecossistemas mais ricos do mundo. Vale destacar que a cidade de Recife foi construída sobre áreas de manguezais e que a população de baixa renda vivia (e ainda vive) nessas áreas.

A segunda parte, intitulada “*Recife a Manguetown*”, aborda de maneira histórica a situação socioeconômica de Recife, desde o período colonial e sua urbanização baseada no aterramento dos mangues, provocando uma “cínica noção de progresso”, até o apogeu da precariedade: maior índice de desemprego do país; mais da metade da população vivendo em favelas e considerada a quarta pior cidade do mundo para se viver.

Na terceira parte, Fred expõe ao leitor uma solução para vencer essa situação de profunda depressão socioeconômica e cultural: “*Basta injetar um pouco de energia na lama*”. O autor também apresenta a Cena Mangue, seus objetivos, características e simbolismos.

A proposta de vincular “as boas vibrações dos mangues” com a “a rede conhecimentos *pop*” significava juntar a riqueza cultural de Recife e de Pernambuco com as informações globalizadas, sobretudo as musicais, que perpassavam os canais de comunicação de massa e construam o que se define como cultura *pop*. Daí a consequência de criar uma das principais imagens da cena: “uma antena parabólica enfiada na lama”, tradução visual da conexão entre tradicional e moderno, regional e globalizado, que teve tantas edições e resultados. (VARGAS, 2007, p. 68, grifo do autor).

Percebemos que a estrutura do *release* conseguiu reunir as principais ambições da Cena Mangue: através de uma relação híbrida entre a riqueza da cultura regional pernambucana e as novas e modernas tendências da cultura pop mundial, injetar ânimo na cultura de Recife e sair de uma situação de estagnação e marasmo cultural.

4.4 O Movimento Mangubeat – A Cena Manguê

É importante destacar que após o lançamento do release, a mídia recifense e nacional passou a prestar atenção na movimentação cultural dos jovens de Recife e por causa do formato desse release diante da mídia, as músicas e idéias do Manguê assumiram um caráter de “Movimento”, chamado de MANGUEBIT, música do grupo Mundo livre S/A que foi utilizada para dar nome a essa nova cena musical de Recife, mas parte da mídia entendeu que o nome do movimento era MANGUEBEAT (A BATIDA DO MANGUE) e passou a se referir assim à cena Manguê: Movimento Mangubeat.

Neste trabalho utilizamos o termo “Cena Cultural” e não Movimento (vários autores citados aqui, utilizam o termo Movimento) para nos referirmos à Cena Manguê, pois os próprios artistas idealizadores do Manguê enxergavam a criação de uma “Cena Cultural” na cidade de Recife e não o surgimento de um Movimento Cultural. Consideravam que o nome “Movimento” dava uma ideia de algo pensado meticulosamente, fato que não ocorreu, como podemos perceber no relato abaixo:

A noção de cena retira o sentido teleológico contido na palavra movimento que envolve uma espécie de caminho único, homogêneo, a ser seguido por todos que compartilham o ideário, como balizas de atuação estética. Esse desprendimento também corrobora o fato de não existir uma batida ou ritmo específico do Manguê. Os grupos e suas propostas de trabalho têm muitas diferenças entre si. (VARGAS, 2007, p. 87).

Os primeiros artistas que começaram a efetivar e produzir segundo a proposta da Cena Manguê foram Chico Science e Fred Zero Quatro, líderes das duas principais bandas consideradas o pelotão de frente do Manguê: *Chico Science e Nação Zumbi* e *Mundo Livre S/A*. Suas letras já estavam banhadas num discurso cheio de simbolismos poéticos que remetia à Cena Manguê. Após o lançamento do release *Caranguejos com Cérebro*, as duas bandas foram ganhando visibilidade em Pernambuco e no Brasil. O início dessa ascensão ocorreu em 1993 quando as duas bandas fizeram uma turnê por São Paulo, com condições bem precárias, mas com uma reverberação muito positiva; além disso, o ano de 1993 é marcado pela vitoriosa realização do primeiro festival “Abril pro Rock”, onde várias bandas de Recife se

apresentaram e a Cena Mangue foi ganhando mais adeptos. Um fato que marcou a história do Mangue foi quando a *Sony Music* contratou a banda Chico Science e Nação Zumbi para gravar um disco, em 1994, e o selo “*Banguela Records*” contratou a banda Mundo Livre S/A, no mesmo ano. Assim o Mangue finalmente começaria a ecoar pelo mundo.

A banda *Chico Science e Nação Zumbi* gravou o disco intitulado “Da Lama ao Caos” (lançado em 1994) pela Sony Music. Devemos destacar que *Chico Science e Nação Zumbi* foi a principal e mais bem sucedida banda de toda Cena Mangue. Com esse trabalho a banda realizou uma turnê pelo Brasil todo, Estados Unidos e até Europa. O Mangue estava ganhando força, voz e vez na mídia brasileira. Com a consolidação da Cena no cenário recifense, devemos destacar que a Cena Mangue não foi pensada apenas na renovação musical da cidade, pois

O Mangue foi um processo de produção e divulgação de novas criações em música pop – com ecos no cinema, moda, artes plásticas, dança e literatura – ao mesmo tempo em que recuperou as tradições musicais de Pernambuco. Esse movimento se pautou tanto na busca desses ritmos e seus produtores populares, como também na construção de formas de divulgação dos trabalhos de jovens músicos e dos artistas tradicionais. (VARGAS, 2007, p. 17).

Um dos principais objetivos do mangue era mesclar de forma inteligente a cultura urbana recifense, música *pop*, tecnologia eletrônico-digital com a cultura local pernambucana, buscando assim “envenenar” (termo utilizado pelos *mangueboys* como sinônimo de renovar) os ritmos tradicionais (coco, ciranda, maracatu, embolada) através do contato com a música *pop* mundial contemporânea, destacando que

[...] isso não significou tratar os ritmos regionais como se fossem guardiões da ancestralidade e da essência da cultura local. Não havia a intenção de fossilizar essas músicas, mas que elas pudessem se relacionar com a cultura contemporânea seja pela mistura com os gêneros da música *pop*, seja pelo apoio à divulgação desses artistas tradicionais pelas cooperativas e por meio de festivais criados em Recife. Optaram, assim, por outro tipo de relação com a tradição musical pernambucana. (VARGAS, 2007, p. 17, grifo do autor).

No ano de 1995, a cidade de Recife – agora chamada pelos *mangueboys* de **Manguetown** – estava numa efervescência cultural nunca antes vista. Os *mangueboys* conseguiram seu objetivo! O Manguê além de tornar-se uma das principais cenas culturais brasileiros do século XX,

[...] foi responsável por uma revolução em sua terra de origem. Pela primeira vez desde a década de 60, os pernambucanos mostraram uma auto-estima comparável à dos baianos. O Recife entrou em estado de ebulição cultural. Paralelamente à música, ressurgiu o interesse em cineastas e na literatura locais. Até algo que nunca havia sido o forte da cidade, a moda, revelou estilistas que começam a ser conhecidos nacionalmente [...] (TELES, 2000 p. 304).

Diante de toda essa agitação cultural recifense, turnês nacionais e internacionais, entrevistas em veículos de comunicação com circulação nacional, a banda Chico Science e Nação Zumbi lança no ano de 1996 seu segundo álbum – *Afrociberdelia*. Chico Science explica o título: “Afrociberdelia, de África, o ponto de fusão do maracatu, da cibernética, da psicodelia. Afrociberdelia é um comportamento, é um estado de espírito, é uma ficção, é a continuação de Da Lama ao Caos” (TELES, 2000, p. 312). O álbum foi um sucesso, composições repletas de simbolismos da Cena Manguê, ilustravam as letras do grupo, além disso, a sonoridade da banda evoluiu de forma significativa, chamando a atenção de mais gente do Brasil e do mundo.

4.5 Simbolismos e Josué de Castro

Não podemos prosseguir falando sobre a Cena Manguê sem abordar os seus simbolismos e o fundamental papel de Josué de Castro nesse âmbito. Destacamos aqui as duas principais imagens que simbolizaram a Cena: a antena parabólica fincada na lama e os Homens-Caranguejos.

Quando o release *Caranguejos com Cérebro* foi lançado em 1992, Fred Zero Quatro propõe que a imagem símbolo da Cena Manguê seria *uma parabólica fincada na lama*. O significado deste interessante simbolismo reside na preocupação que os criadores do Manguê tinham em

receber informações da cultura *pop* mundial e (tão importante quanto receber) emitir para o mundo um novo conceito de música *pop*, influenciada pela música regional de Recife (por isso a antena está fincada na lama dos manguezais de Recife) em contato com a música *pop* produzida mundialmente.

A proposta de vincular “as boas vibrações dos mangues” com “a rede de conceitos *pop*” significava juntar a riqueza cultural de Recife e de Pernambuco com as informações globalizadas, sobretudo as musicais, que perpassavam os canais da comunicação de massa e construíram o que se define como cultura *pop*. Daí a consequência de criar uma das principais imagens da cena: “uma antena parabólica enfiada na lama”, tradução visual da conexão entre tradicional e moderno, regional e globalizado, que teve tantas edições e resultados na arte e na cultura musical brasileira.

Esta imagem também estruturava a relação entre natureza e cultura, tão cara à cena recifense, pelo contato entre o mangue metaforizado e uma variada gama de formas culturais corporificadas na tecnologia contemporânea (o *sampler* e a internet, por exemplo) e nas formas mais antigas e regionais de canto, instrumentos, ritmos, imagens etc. (VARGAS, 2007, p. 68, grifo do autor).

Tão importante quanto a parabólica enfiada na lama, foi a metáfora dos *Homens-Caranguejo*, herdada do romance homônimo, escrito pelo médico e geógrafo pernambucano Josué de Castro (1908-1973), no ano de 1967. Esse simbolismo foi amplamente utilizado por boa parte dos mangueboys, principalmente por Chico Science, que abordou essa temática em seu discurso e nas letras de suas canções.

O único romance de Josué de Castro narra a história de uma comunidade que vivia na precariedade dos mangues recifenses e via a situação piorar mais a cada dia. Castro narra em sua obra que a situação dos moradores do mangue se assemelha ao ciclo de vida dos caranguejos. Para o autor os habitantes dos mangues são homens-caranguejos

Seres anfíbios – habitantes da terra e da água, meio homens e meio bichos. Alimentados na infância com caldo de caranguejo: este leite de lama. Seres humanos que se faziam assim irmãos de leite dos caranguejos. Que aprendiam a engatinhar e a andar com os caranguejos da lama e que depois de terem bebido na infância este

leite de lama, de se terem enlambuzado com o caldo grosso da lama dos mangues e de se terem impregnado do seu cheiro de terra podre e de maresia, nunca mais se podiam libertar desta crosta de lama que os tornava tão parecidos com os caranguejos, seus irmãos, com as suas duras carapaças também enlambuzadas de lama. (CASTRO, 1967, p. 12).

Josué de Castro conseguiu descrever de maneira bem detalhada a população do mangue e suas semelhanças com o ciclo de vida dos caranguejos, pois viveu sua infância nos mangues recifenses em contato direto com essa realidade. Castro relata:

Cedo me dei conta deste estranho mimetismo: os homens se assemelhando, em tudo, aos caranguejos, arrastando-se, agachando-se como os caranguejos para poderem sobreviver. Parados como os caranguejos na beira d'água ou caminhando para trás como caminham os caranguejos.

É por isso, que os habitantes dos mangues, depois de terem um dia saltado para dentro da vida, nesta lama pegajosa dos mangues, dificilmente conseguiram sair do ciclo do caranguejo, a não ser saltando para a morte e, assim, se afundando para sempre dentro da lama. (CASTRO, 1967, p. 13).

Observamos que para Josué de Castro a imagem do homem-caranguejo representa a exclusão social, o homem que se arrasta na lama para sobreviver, mas a cada dia que passa ele se afunda mais e provavelmente nem com a morte ele conseguirá sair dessa situação, pois ao morrer seu corpo se afundará novamente na lama.

A partir da leitura de Josué de Castro, Chico Science fica fascinado pela relação que o autor faz entre os homens e os caranguejos, e leva essa relação para suas canções e para a proposta Manguê. Na Cena Manguê, a relação entre homem e caranguejo é usada para retratar o homem oprimido pelo sistema, homem esse, que cava na lama para retirar dela, os nutrientes necessários para renovar a sua situação. O homem caranguejo da Cena Manguê está com sua antena parabólica fincada na lama, atento às questões que o cercam buscando assim sair dessa situação. Para a Doutora em Sociologia Paula Tesser, Chico Science teve um grande mérito em sua nova análise dos homens caranguejos, pois ele

[...] reconstruiu um Recife onde os caranguejos saem da lama para se integrarem socialmente através de uma nova cultura. A idéia da lama como meio sujo mas regenerador que encontramos na obra do geógrafo Josué de Castro, por exemplo, vai servir como uma analogia entre a relação de Recife, cidade decadente e as suas novas impulsões criadoras. A lama será a grande metáfora empregada por Chico Science, ela é a matéria fértil para a criação, representando um instrumento de renovação. (TESSER, 2007, p. 74).

Salientamos a riqueza simbólica da Cena Mangue e a importância de Josué de Castro para a consolidação deste simbolismo. Chico Science, ao ter contato com a obra de Josué, cria uma ponte intelectual entre a situação de Recife descrita por Josué de Castro na primeira metade do século XX e a situação de Recife no início da década de 1990. Através desse “novo homem-caranguejo” Chico Science busca injetar ânimo na cidade e na população, mostrando em suas letras que o homem precisa sair da lama e enfrentar as situações de opressão, miséria e caos.

4.6 O auge da Cena Mangue e a perda de um líder

O ano é 1996, a turnê do álbum *AfrociBERdelia* da banda Chico Science e Nação Zumbi chega a Europa numa série de shows com *Os Paralamas do Sucesso*, enquanto isso a cidade de Recife apresentava um momento cultural nunca antes visto, graças à Cena Mangue. Várias bandas surgiam e se apresentavam em diversos locais da cidade, outros artistas também exibiam suas manifestações artísticas – literatura, dança, cinema, artes plásticas⁶. O auge do ano de 1996 na cidade de Recife foi a terceira edição do festival *Abril pro Rock*, contando com mais de vinte bandas de Pernambuco e o encerramento do festival num show épico da banda Chico Science e Nação Zumbi. Sem sombra de dúvidas o ano de 1996 foi o auge da Cena Mangue em Recife, com fortes reflexos em Pernambuco, no Brasil e no Mundo.

⁶ Na literatura houve o romance *Balada para uma Serpente* de Paulo Costa; na dança, houve o espetáculo *Zambo* do Grupo Experimental em 1998; no cinema houve a produção do premiado filme *Baile Perfumado* dirigido por Lírío Ferreira e trilha sonora de Chico Science e Nação Zumbi; nas artes plásticas houveram as esculturas de Evêncio Vasconcelos, as *Mangue Buildings*. (VARGAS, 2007, p.61)

Em boa parte do Brasil, a festa mais importante do ano para o povo é o Carnaval. Em Pernambuco não é diferente, principalmente nas cidades vizinhas de Olinda e Recife. Em 2 de fevereiro de 1997, às vésperas do Carnaval, um acidente fatal marcou para sempre a história cultural pernambucana e brasileira: Chico Science ia de Recife para Olinda quando perdeu o controle do carro, bateu num poste e perdeu a vida. Encerrava-se ali uma carreira meteórica e curta do *mangueboy* de apenas 33 anos. O choque foi inevitável, pois a Cena Mangue perdeu o seu maior líder. Várias homenagens foram feitas e Fred Zero Quatro, grande parceiro de Chico, decide lançar um segundo release (também chamado de “Segundo Manifesto”) com a intenção de homenagear Chico Science e injetar ânimo nos artistas de Recife, e principalmente nos membros da banda Nação Zumbi, que perderam mais que um líder, um grande amigo.

Quanto vale uma vida – por Fred Zero Quatro com a colaboração de Renato L.

I - LONGA VIDA AO GROOVE!

Os alquimistas estão chorando. A indignação ruidosa de Lúcio Maia com a ferocidade carniciera da imprensa nos faz lembrar que nem tudo tem que ser movido a cinismo e oportunismo no – cada vez mais – cínico e vulgar circuito pop.

Antes de mais nada, salve Lúcio, Jorge, Dengue, Gilmar, Toca, Gira e Pupilo. Salve Paulo André e longa vida ao Nação Zumbi, com seu groove imbatível, mix epidêmico e urgente de química e magia que cedo ou tarde vai varrer o mundo! A primeira vez que vimos Chico juntando a Loustal com o Lamento Negro (o embrião do que seria a Nação Zumbi, ainda no início de 91), comentamos arrepiados, eu e Renato L.: “não importa que estejamos no fim do mundo e sem dinheiro no bolso; não tem errada, não há nada no mundo que possa deter esse som!” Na nossa ficha, constava a produção de vários programas de Rock na cidade, onde nos esforçávamos para mostrar sons novos e interessantes de todos os cantos do mundo. E não havia dúvida de que naquele momento estávamos diante de algo absurdamente novo e irresistível. Começamos imediatamente a viajar num conceito capaz de colocar o Recife no mapa. É claro que houve momentos nos últimos anos em que chegamos a pensar que talvez tivéssemos ajudado a criar uma espécie de monstro incontrolável. Mas hoje sabemos que agimos bem, não poderíamos agir de outro modo.

- E agora, mangueboys?

II- BUSCANDO RESPOSTAS

“Something is happening here, but you don’t know what it is. Do you, Mr Jones?”

Essa frase de Bob Dylan me vem à mente sempre que eu penso no tom de alguns comentários publicados nos maiores jornais do país a respeito da morte de Chico. Talvez com intenção de pintar o fato com as cores mais chocantes, expurgando, assim, a dor e a revolta da perda, as matérias acabavam invariavelmente emitindo um tom derrotista ou até desolador.

III- UMA VISITA MUITO ESPECIAL

Lembro-me muito bem do nervosismo que tomou conta da cidade quando, em 93 (logo após o primeiro Abril Pro Rock), a diretoria da Sony anunciou que mandaria um representante ao Recife para contratar Chico Science... Fun! Fun! Zoeira Total! Diversão a qualquer custo, e a mais barulhenta possível! Esse havia sido o nosso lema quando, dois anos antes, sentindo o descompasso – o fundo do poço, o infarto iminente –, resolvêramos tentar de tudo para detonar adrenalina no coração deprimido da cidade. Depois de vários shows e eventos muito bem sucedidos, e do manifesto “Caranguejos com Cérebro” (que transformou, de uma hora para outra centenas de arruaceiros inocentes em “mangueboys” militantes), parecia que a cidade realmente começava a despertar do coma profundo em que esteve mergulhada desde o início da guerra dos 80.

Daí em diante, pode-se dizer que teve início um efetivo “renascimento” recifense. Todo mundo gritou mãos à obra! e partiu para o ataque. As ruas viraram passarelas de estilistas independentes; bandas pipocaram em cada esquina; palcos foram improvisados em todos os bares; fitas demo e clipes novos eram lançados toda semana, e assim por diante, gerando uma verdadeira cooperativa multimídia autônoma e explosiva, que não parava de crescer e mobilizar toda a cidade. De headbangers a mauricinhos, de punks a líderes comunitários, de surfistas a professores acadêmicos, ninguém ficou de fora. Para se ter uma idéia, a frase “computadores fazem arte, artistas fazem dinheiro” (Mundo Livre SA) virou tema de redação de vestibular de uma faculdade local.

IV - MANGUETOWN, 5 ANOS DEPOIS

O renascimento segue de vento em popa. A noite mais concorrida do último Abril Pro Rock foi a que reuniu três bandas locais. Mais de cinco mil pessoas pagaram ingresso e enfrentaram uma chuva intensa para aplaudir e cantar junto com Mundo Livre SA, Mestre Ambrósio e Chico Science e Nação Zumbi. O festival “Viva a Música”, realizado em setembro passado, reuniu mais de 50 novas bandas. O disco de estréia da campeã, Dona Margarida Pereira e os Fulanos, está em fase de gravação. O programa Manguê Beat (Caetés FM 99.1) ocupa há 2 anos os primeiros

lugares de audiência, tocando fitas demo e lançamentos locais, além de novidades de todos os cantos do planeta. O “Manguetronic”, um programa de rádio idealizado especialmente para a Internet, vem se firmando como um dos sites mais acessados do Universo on Line. Os últimos cds do Chico Science e Nação Zumbi e do Mundo Livre SA e a estréia do Mestre Ambrósio figuraram na lista dos dez melhores do ano da revista Showbizz. Estão em fase de finalização os aguardados álbuns de estréia das bandas Eddie e Devotos do Ódio. O Abril pro Rock 97 entrou pela primeira vez no calendário de eventos oficiais do Estado, ganhando assim uma ampla divulgação nacional e uma infra-estrutura mais organizada. A estréia em longa-metragem dos cineastas pernambucanos Lírio Ferreira e Paulo Caldas – o filme “O Baile Perfumado, cuja trilha é assinada por Chico Science, Siba (do Mestre Ambrósio) e Zero Quatro – ganhou vários prêmios, entre eles o de melhor filme, no último Festival de Cinema de Brasília. O estilista Eduardo Ferreira já recebeu vários prêmios nas últimas edições do Phytoervas Fashion. O Mundo Livre S.A. acaba de fazer 4 shows e um clipe no México, devendo participar de vários festivais europeus no segundo semestre [...]

Quem acompanhou no Recife as últimas homenagens a Chico, sentiu a força de um compromisso coletivo. Hoje cada recifense tem no olhar um pouco de guerrilheiro da Frente Pop de Libertação. E o recado que queremos enviar para o mundo não é muito diferente daquele que nos mandam as comunidades indígenas de Chiapas – que têm no subcomandante Marcos o seu porta-voz. VIVA SANDINO! VIVA ZAPATA! VIVA ZUMBI! A utopia continua... (VARGAS, 2007, p. 72-78).

Devemos destacar a importância da Cena Mangue para o Recife, Nordeste, Brasil e para o mundo. Musicalmente, a Cena misturou diversas referências (tradicionais e contemporâneas) conseguindo chamar a atenção do mundo. Culturalmente, a Cena Mangue ressuscitou a “*Manguetown*” com inúmeras e diversificadas produções artísticas. Socialmente, o Mangue mostrou a população que era possível sair daquela realidade de caos urbano e tentar melhorar a sua situação, enviando e recebendo informações globais através da parabólica fincada na lama.

5. ANÁLISE, RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1 Por que analisar a relação entre Música e Lugar?

A utilização de músicas em análises geográficas é um movimento recente e crescente desde a década de 1970 com a Revolução da Geografia Cultural, cabe destacar a contribuição da coleção brasileira - **Geografia Cultural**- organizada por Zeny Rosendahl e Roberto Lobato Corrêa no ano de 2009, que possui alguns artigos que tratam da utilização e análise da música na ciência geográfica. Dois excelentes artigos presentes nessa coleção foram cruciais para a realização deste trabalho ao fornecerem pistas metodológicas de grande valia, é o caso dos trabalhos de **Lily Kong** e seu artigo **Música Popular nas Análises Geográficas**, e do autor **George Carney** e seu artigo **Música e Lugar**.

Primeiramente, devemos ressaltar que através da música, podemos compreender o caráter e a identidade dos mais diversos lugares do mundo, e vale ressaltar que

A música também é um meio para as pessoas comunicarem suas experiências ambientais – tanto as cotidianas como aquelas fora do comum. Por exemplo, muitas experiências ambientais cotidianas aceitas como verdadeiras, discutidas teórica e empiricamente mediante noções como “sentido de lugar”, “espaço” e “lugar”, podem ser enriquecidas com análises de expressões musicais. (KONG, 2009, p. 133).

Observamos que a compreensão do Lugar através da música pode enriquecer a análise geográfica, pois *“da mesma forma que é um meio para comunicar incontáveis experiências, a música é o resultado da experiência ambiental. Os músicos compõem canções como uma consequência de suas experiências”* (KONG, 2009, p. 133). Além disso, cada Lugar possui traços que definem sua unicidade em relação a outros (traços físicos, culturais, econômicos, etc.) e a música auxilia essa definição de Lugar, pois os geógrafos procuram

[...] saber como as pessoas implantaram suas tradições naquele local, por que o fizeram naquele lugar, o que as sustenta agora e como interagem com outros lugares.

É claro que é impossível estudar de uma só vez todos esses aspectos; assim, os geógrafos tendem a se especializar em determinadas características dos lugares, como a música. (CARNEY, 2007, p. 126).

Para a geógrafa Lily Kong, a Nova Geografia Cultural propõe que em suas pesquisas sobre o Lugar, os significados e simbolismos ali contidos sejam analisados e estudados. E com relação às análises musicais “essa ênfase pode ter o sentido de preocupação tanto com o lugar simbólico da música na vida social como com os simbolismos utilizados na música” (KONG, 2009, p. 139). Ou seja, ao analisarmos como o conceito de Lugar está retratado nas letras da banda *Chico Science e Nação Zumbi*, há uma preocupação em explicar os simbolismos mencionados pelo letrista e quais as relações existentes entre a vida social da população de Recife naquele momento histórico com o Lugar simbólico construído

5.2 Por que analisar as letras das canções?

A análise geográfica de letras de músicas não é um estudo isolado e particular, Kong (2009, p. 137, grifo do autor) nos informa que

[...] uma série de estudos geográficos sobre música segue a tradição regional em que o caráter e a identidade dos lugares são apreendidos a partir de letras, melodia e da “percepção” geral ou do impacto sensorial da música. [...] Os geógrafos também se envolveram com a análise temática das letras, para investigar preocupações ambientais expressas nas músicas. Jarvis (1985) ⁷, por exemplo, identificou, nas letras das músicas de *rock*, diversos temas que envolviam a imagem da cidade.

Através da análise geográfica das letras podemos perceber e entender como os simbolismos contidos nas letras dialogam com alguns conceitos como lugar, paisagem, região, etc. Para além da pura análise textual, “os textos musicais devem ser entendidos como diálogos sociais em andamento, os quais ocorrem em determinadas situações sociais e históricas e refletem

⁷ Jarvis (1985) realizou uma pesquisa que se debruçava sobre as relações entre Geografia, mídia e cultural popular.

esses cenários” (KONG, 2009, p. 141). Há um cuidado em não se analisar as letras pelas letras, pois

A análise das letras certamente é uma forma importante de penetrar nos significados pretendidos pelos produtores. Além disso, as estruturas tonal e estética das canções populares também devem ser analisadas, pois as palavras são apenas parte do som total. (KONG, 2009, p. 158).

Um fato importante merece ser destacado aqui: como já mencionado, os estudos brasileiros em Geopoética têm explorado, preponderantemente, obras literárias, e não há registro de análises geopoéticas de letras de músicas nacionais; logo, faremos uma análise, por meio de elementos geopoéticos, sobre como o conceito de Lugar está imerso nas letras da banda *Chico Science e Nação Zumbi*, analisando também como o espaço vivido e as experiências do letrista Chico Science contribuíram para a construção de uma Geopoética da Cena Manguê.

5.3 Análise Geopoética do conceito de Lugar nas letras da banda Chico Science e Nação Zumbi

Nessa parte do trabalho analisaremos o vínculo existente entre o conceito de Lugar (numa abordagem Humanista) e as letras da banda *Chico Science e Nação Zumbi*. Essa análise será subsidiada através de fatos, vivências e experiências pessoais, do letrista e líder Chico Science, que foram analisadas em materiais bibliográficos, entrevistas e vídeos sobre Chico e a Cena Manguê. Não nos prenderemos apenas à análise das letras, pois o exame de material audiovisual também contribui para o entendimento de simbolismos e identidades no Lugar, já que através das

[...] entrevistas com os produtores de música, os compositores e letristas [...] podem ser obtidos *insights* sobre questões como as motivações para produção e os contextos em que estas ocorrem, assim como sobre os significados e efeitos pretendidos. (KONG, 2009, p. 159, grifo do autor).

Através dessa ampla análise conseguiremos realizar um estudo sobre a Geopoética contida nas letras de Chico Science, mas antes de analisarmos as canções, é importante destacar que a maioria das letras da banda, foram escritas por Chico Science e

[...] tratam de uma série de temáticas. O mais comum são as citações de Recife, do mangue e dos personagens da cidade, usando ainda uma série de expressões locais que marcam um reconhecimento imediato por parte do público recifense.

Um aspecto interessante e criativo das letras é a forma de organização das frases e das imagens sugeridas. [...] O que o ouvinte entende em cada trecho, isoladamente, pode parecer contraditório, mas é pela reconstrução do sentido nas relações entre frases e entre elas e o texto completo que se estabelece nível semântico.

Por conta disso, é coerente nas composições o uso do que Jorge Du Peixe, músico e compositor do grupo, define como “música cinemática”: uma letra que se remete constantemente a imagens como uma trilha poético-sonora de um filme. (VARGAS, 2007, p. 137, grifo nosso).

Foram feitas análises de cinco músicas da banda *Chico Science e Nação Zumbi*, todas escritas por Chico Science; sendo três músicas do primeiro álbum (*Da Lama ao Caos*, de 1994) e duas músicas do segundo álbum (*Afrociberdelia*, de 1996). O primeiro passo foi a transcrição da letra, o segundo passo foi a exposição das experiências vividas por Chico Science que teriam contribuído para a elaboração da letra, e o último passo foi a relação da letra e vivência do letrista com o conceito de Lugar proposto por autores da Geografia de corte “humanista”.

As três primeiras canções a serem analisadas, são: “*Da Lama ao Caos*”, “*A Cidade*” e “*Antene-se*”. Nesse primeiro álbum, de 1994, percebemos que as letras tratam principalmente da exaltação da cultura popular e da denúncia da situação caótica da cidade de Recife. Vejamos a letra de *Da Lama ao Caos*:

Posso sair daqui para me organizar / Posso sair daqui para desorganizar / Da lama ao Caos / Do caos à lama/um homem roubado nunca se engana / O sol queimou a lama do rio / Eu vi um xié andando devagar / Vi um aratu pra lá e pra cá / vi um caranguejo andando pro sul / Saiu do mangue e virou gabiru / Oh, Josué, eu nunca vi tamanha desgraça / Quanto mais miséria tem, mais urubu ameaça / Peguei o

balaio, fui na feira roubar tomate e cebola / Ia passando uma véia, pegou a minha cenoura / Ai, minha véia, deixa a cenoura aqui / Com a barriga vazia / não consigo dormir / E com o bucho mais cheio comecei a pensar / Que eu me organizando posso desorganizar / Que eu desorganizando posso me organizar. (CSNZ, 1994)⁸

A letra de *Da lama ao Caos* faz parte de um grupo de letras escritas por Chico Science que tem a intenção de expor situações negativas que aconteciam em Recife; a crítica social contida nesse grupo de canções é

[...] proveniente da tradição do *rap* e do *punk rock*, mas não contendo uma crítica fácil. Ao contrário, ela vem em citações de personagens e fatos que ilustram a situação da capital pernambucana (pobreza, crescimento desordenado, destruição do manguezal, as metáforas do mangue e do caranguejo etc.) (VARGAS, 2007, p. 137 grifo do autor).

Em *Da Lama ao Caos*, Chico Science nos apresenta três principais aspectos: a miséria de Recife, a destruição dos mangues recifenses e a necessidade de mudança desse quadro através das relações de organização/desorganização. Com relação aos simbolismos e neologismos utilizados na letra, Vargas (2007, p. 146) nos explica que “chie” é um caranguejo de pequeno porte e que habita as pedras da praia e popularmente também significa um pobre menino de rua; “aratu” é outro tipo de caranguejo que, no contexto da canção, representa uma pessoa humilde, que sempre é passada para trás por algum malandro; “gabiru” é um tipo de rato que vive em ambientes de sujeira, e na canção simboliza os mendigos e moradores de rua. Esses simbolismos são utilizados para demonstrar que todos eles (chie, aratu e gabiru) deixam o mangue por conta de sua destruição e aterramento, que aumenta

[...] com os sobreviventes ameaçadores dos urubus e serve de alerta para o chamamento de Josué de Castro, médico e geógrafo recifense cujos trabalhos foram lidos por Chico Science e outros e inspiraram parte da proposta do Mangubeat. A desorganização do manguezal pede a organização do cantor para que desorganize o processo de destruição. (VARGAS, 2007, p. 147).

⁸ Áudio da canção disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=W6yCx_42lcc> Acesso em 04 Nov. 2014.

Chico Science em matéria veiculada pelo canal MTV BRASIL, contou um pouco da história de *Da Lama ao Caos*.

Tive o privilégio de ler Homens e Caranguejos, até me emocionei quando Josué de Castro falou do ciclo do caranguejo. Num final de semana tinha ensaio da banda, peguei um ônibus e de casa até o local do ensaio foi quando surgiu a letra de Da lama ao Caos. Uma das melhores letras que já escrevi. Da Lama ao Caos fala do nosso sistema caótico de viver, fala dos nossos problemas do dia a dia, da nossa linguagem cultural, da nossa batida, do nosso ritmo, da nossa brasilidade. A gente fala desses temas: fome, tecnologia, pobreza. (*Chico Science*, 1996) ⁹

Essa crítica social feita por Chico na letra de Da Lama ao Caos, vem ao encontro do conceito de Lugar proposto por Livia de Oliveira (2012) para quem os lugares

[...] podem se fazer visíveis por meio de inúmeros meios: rivalidade ou conflito com outros lugares e manifestações de arte e de arquitetura. Todo lugar adquire identidade mediante as diversas dimensões espaciais, tais como: localização, direção, orientação, relação, território, espaciosidade e outras. [...] Em suma, lugar é um mundo de significados organizados, a um tempo estático e a outro dinâmico; são caminhos que se tornam lugares significativos. (OLIVEIRA, 2012, p. 12).

A geógrafa humanista também propõe que as dimensões significativas do Lugar,

[...] que na realidade é o sentido que se atribui a este ou àquele (o meu, o seu ou o nosso lugar), são pensadas em termos geográficos a partir da experiência, do habitar, do falar e dos ritmos e transformações. É o lugar experienciado como aconchego que levamos dentro de nós. Ou o lugar consciente do tempo social histórico, recorrente e mutável, no transcorrer das horas do tempo em um espaço sentido dentro de um lugar interior ou exterior. (OLIVEIRA, 2012, p. 15).

⁹ MTV Na Estrada - Chico Science e Nação Zumbi. 1996. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gPMWpqdRTG8>>. Transcrição nossa. Acesso em: 27 out. 2014

A letra (e a concepção) de *Da Lama ao Caos* dialoga com o conceito de Lugar proposto por Livia de Oliveira de maneira bastante íntima, pois Chico Science só consegue escrever de maneira tão detalhada sobre os problemas socioeconômicos urbanos e suas rivalidades, pelo fato da cidade de Recife ter sido o seu Lugar num tempo histórico específico, quando ele experimentou e construiu seu mundo vivido. Várias experiências pessoais de Chico Science no Lugar (Recife) contribuíram de forma significativa para a construção da letra: a leitura do romance “*Homens e Caranguejos*”, a situação socioeconômica vivida por Science num Recife considerado a quarta pior cidade do mundo para se viver, a observação de cenas cotidianas que confrontavam bairros ricos e periferias pobres criadas a partir do aterramento de manguezais. Essas vivências eram tão presentes que até mesmo uma viagem a São Paulo contribuiu para a letra de *Da Lama ao Caos*, onde seu amigo e ex-empresário da banda Paulo André relata que

Chico foi a São Paulo visitar um primo e levou uma grana pra trazer um tênis Adidas e chegando ao centro da cidade manifestou o desejo de comprar o tênis, logo chegou um cara do lado perguntando: Tu quer Adidas? Chico respondeu que sim e o rapaz disse o preço, pegou a grana adiantada, mas alertou que Chico não poderia ir junto, pois o tênis era contrabandeado, Chico ficou esperando o dia todo e o rapaz não apareceu; por isso Chico escreveu em *Da Lama ao Caos*: Um homem roubado nunca se engana. (Paulo André, 2012) ¹⁰

Percebemos a importância que as experiências vividas por Chico tiveram para o desenvolvimento de sua poética.

A segunda música a ser analisada se chama *A Cidade*. Uma canção que também fez críticas e é repleto de simbolismos e metáforas.

*O sol nasce e ilumina as pedras evoluídas/ Que cresceram com a força de pedreiros
suicidas/ Cavaleiros circulam vigiando as pessoas/ Não importa se são ruins nem
importa se são boas/ A cidade se apresenta centro das ambições/ Para mendigos ou
ricos e outras armações/ Coletivos, automóveis, motos e metrô/ Trabalhadores,*

¹⁰ MTV. Especial 15 anos sem Chico Science. 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=s-xEsG48W88>>. Acesso em: 27 out. 2014.)

patrões, policiais, camelôs /A cidade não para a cidade só cresce /O de cima sobe e o de baixo desce/ A cidade se encontra prostituída por aqueles que a usaram em busca de saída/ Ilusora de pessoas de outros lugares / A cidade e sua fama vai além dos mares/ No meio da esperteza internacional/A cidade até que não está tão mal/ Sempre uns com mais e outros com menos/ A cidade não pára, a cidade só cresce/ O de cima sobe e o de baixo desce/ Eu vou fazer uma embolada, um samba, um maracatu/ Tudo bem envenenado, bom pra mim e bom pra tu/ Pra gente sair da lama e enfrentar os urubu/ Num dia de sol Recife acordou/ Com a mesma fedentina do dia anterior (CSNZ, 1994).¹¹

A letra da canção trata de uma temática urbana caótica e excludente, em que a situação socioeconômica é desigual (enquanto o rico fica mais rico, o pobre fica mais pobre) e o crescimento da cidade ocorre de forma descontrolada. As metáforas utilizadas na música são: “urubus” – alguém tido como inimigo, lembrando que a ave voa sobre a carniça do mangue; “pedras evoluídas” são os prédios da cidade de Recife; “cavaleiros” são os policiais. Chico usa a expressão “sair da lama” para motivar as pessoas a saírem de uma situação precária e enfrentar seus inimigos e/ou situações negativas (os “urubus”) através de uma música “envenenada”, mostrando que uma forma de vencer toda essa realidade de caos urbanos é misturar os ritmos tradicionais pernambucanos (coco, maracatu, ciranda) com ritmos pop mundiais (*rock, funk, rap*).

Chico Science não conhecia toda a cidade de Recife, mas graças a sua vivência cotidiana ele conseguiu abstrair vários problemas da cidade e colocar na letra da canção. Tuan nos mostra que as experiências vividas na cidade são bem diversas, até porque uma cidade possui vários ambientes físicos e que

[...] nenhuma pessoa pode conhecer bem, senão um pequeno fragmento da cena urbana total; nem é necessário para ela ter um mapa mental ou imagem da totalidade da cidade para poder prosperar no seu canto do mundo. No entanto, o habitante da cidade parece ter uma necessidade psicológica de possuir uma imagem da totalidade do meio ambiente para localizar o seu próprio bairro. O conhecimento de uma cidade varia muito de uma pessoa para outra. A maioria das pessoas são capazes de indicar pelo nome os dois extremos da escala urbana, a cidade como um todo e a rua

¹¹ Áudio da canção disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=UVab41Zn7Yc> > Acesso em 04 Nov. 2014.

onde moram. Ao contrário, as divisões intermediárias são vagamente concebidas a ponto de poucas pessoas poderem rapidamente lembrar o nome do seu distrito ou bairro. Os dois extremos da escala parecem indicar uma tendência humana comum à de descansar em dois níveis de pensamento altamente discrepantes: grandes abstrações e respostas específicas. No nível de grande abstração, a imensa complexidade de uma cidade pode ser resumida ao próprio nome, como no caso de Roma, ou a um monumento (Torre Eiffel) [...]. No nível das respostas específicas estão as numerosas imagens e atitudes que a pessoa adquire de seu meio ambiente próximo, no curso da vida diária. (TUAN, 2012, p. 265).

A cidade como “ilusora de pessoas de outros lugares” pode ser explicada por Carney (2007, p. 135) em estudo que fala sobre a relação das cidades americanas retratadas em letras de música. Carney avalia que nos Estados Unidos,

Lugares urbanos eram descritos como centros de cultura e locais positivos, atraindo migrantes de outras regiões do país. Contudo, a imagem de uma cidade como um lugar começou a mudar nos anos 1950, com problemas como congestionamento, poluição e crime. [...] Durante as décadas de 1960 e 1970, uma aversão total pelas cidades se refletia no conteúdo das letras [...]

Uma crítica interessante foi tratada na letra da música: a reputação de Recife no âmbito internacional. Em meio à sociedade global, Recife não parecia estar numa situação ruim, mas só quem habitava a cidade sabia de seus problemas e desigualdades. Este fato revela uma característica do Lugar que vai ao encontro do conceito proposto por Relph, pelo qual

[...] o núcleo do significado de lugar se estende, penso eu, em suas ligações inextricáveis com o ser, com a nossa própria existência. Lugar é um microcosmo. É onde cada um de nós se relaciona com o mundo e onde o mundo se relaciona conosco. O que acontece aqui, neste lugar, é parte de um processo em que o mundo inteiro está de alguma forma implicado. Isso é muito existencial e ontológico. Mas é também econômico e social, pois em toda parte estamos presos em maior ou menor grau nas forças neoliberais e da globalização. (RELPH, 2012, p. 31).

Percebemos que a realidade da cidade de Recife faz parte dessa sociedade global e sofre com isso, pois se torna “ilusora de pessoas de outros lugares”. Vemos que o Lugar (no caso a cidade de Recife) é um microcosmo que não está isolado do restante do mundo; ao contrário, ele está inserido numa lógica global socioeconômica e é influente/influenciado com maior ou menor intensidade. Chico Science estava “antenado” a isso com a “parabólica fincada na lama”, enviando e recebendo informações, utilizando essa música como uma crítica e alerta para o povo de Recife repensar e renovar o seu Lugar. Kong (2009) nos apresenta uma linha de raciocínio que parece resumir a relação da globalização com o viés de crítica e denúncia promovido pela Cena Mangue, pois

[...] ao mesmo tempo em que as forças da globalização, homogeneização e mercantilização da cultura invadiram a indústria da música, formas locais de resistência podem ser analisadas, tanto em termos de produção de sons alternativos quanto na experiência da música de maneiras diversamente localizadas. O local pode, então, ser entendido como um produto da “nativização” de recursos globais. (KONG, 2009, p. 149).

A última música do disco *Da Lama ao Caos* a ser analisada é *Antene-se*.

É só uma cabeça equilibrada em cima do corpo/ Escutando o som das vitrolas, que vem dos mocambos / Entulhados à beira do Capibaribe / Na quarta pior cidade do mundo / Recife, cidade do mangue / Incrustada na lama dos manguezais / Onde estão os homens-caranguejos / Minha corda costuma sair de andada / No meio da rua em cima das pontes/ Procurando antenar boas vibrações / Procurando antenar boa diversão / Sou, sou, sou, sou mangueboy! / Recife, cidade do mangue / Onde a lama é insurreição/ Onde estão os homens-caranguejos / Minha corda costuma sair de andada / No meio da rua em cima das pontes/ É só equilibrar sua cabeça em cima do corpo / Procure antenar boas vibrações / Procure antenar boa diversão (CSNZ, 1994).¹²

Diferentemente das canções anteriores, em *Antene-se*, além de Chico Science utilizar vários simbolismos da Cena Mangue, ele injeta ânimo nos “mangueboys” que conviviam com o caos

¹² Áudio da canção disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=0Y0KcESaNUw>> Acesso em 04 Nov. 2014.

de Recife – “quarta pior cidade do mundo”. Ao retratar algumas imagens peculiares de Recife, como as pontes, os catadores de caranguejo e suas casas construídas sobre a lama (mocambos), Chico Science exclama que é preciso estar atento e captar boas energias (procurando antenar boas vibrações através da imagem símbolo da parabólica fincada na lama) para sair de uma situação caótica, ou seja, a letra é um grito dos magueboys que mesmo vivendo numa cidade com péssimas condições de vida, estavam buscando melhorar essa situação. No verso “*minha corda costuma sair de andada*”, Chico se coloca como homem caranguejo que sai com os amigos para se divertir, pois corda significa um emaranhado de caranguejos amarrados que serão comercializados.

Dois pontos merecem destaque: o orgulho na autoafirmação de ser *Magueboy* (no trecho “Sou, sou, sou, sou magueboy”), e a proposição de que para superar todos os problemas e situações negativas vivenciadas naquele momento histórico era necessário (fazendo alusão ao caranguejo) ter “uma cabeça equilibrada em cima do corpo”, equilíbrio esse não apenas físico, mas principalmente moral. Através desses aspectos, segundo Chico, a insurreição do homem caranguejo viria da lama.

Diante desse manifesto motivacional, a fala de Carney (2007, p. 136) vem ao encontro da temática da letra da música, quando aborda que em várias análises geográficas, observou-se que

[...] muitas canções foram usadas para implantar um sentido de orgulho estadual ou providencial por aquele lugar entre seus residentes. [...] A música é uma das características que contribuem para o desenvolvimento de uma região e frequentemente é utilizada como um instrumento promocional para as regiões.

Chico ao utilizar em suas letras vários simbolismos, capturados através de sua experiência em Recife, confirma o que Carney (2007) propôs como característica do Lugar, que

[...] depende da história pessoal que uma pessoa traz para ele. É através dessas interações que desenvolvemos uma profunda associação psicológica com um lugar específico. [...] devemos usar nossos olhos e pensar sobre o que vemos em termos de

pistas para a cultura de lugares, contextos históricos e locais de lugares e relações de lugares com o meio ambiente físico. (CARNEY, 2007, p. 128).

A diversão levada a sério era uma das principais preocupações da Cena Mangue e foi retratada na letra de *Antene-se*. Com relação a esse aspecto de diversão no Lugar, Carney (2007, p. 129) comenta que os Lugares

[...] fornecem ancoragem emocional para a atividade humana, os lugares são provedores de experiência na compreensão da paisagem cultural; palcos para eventos e lembretes de que os seres humanos precisam de espaço para viver, trabalhar e brincar.

Percebemos que a riqueza simbólica trabalhada por Chico Science na letra de *Antene-se*, mais uma vez, foi fruto de relações intrínsecas entre o compositor e o Lugar (Recife). Inferimos também que através da renovação das experiências com o Lugar, o homem caranguejo utilizará a lama como possibilidade de realizar sua insurreição.

O segundo disco de *Chico Science e Nação Zumbi*, intitulado *Afrociberdelia*, do ano de 1996, contém canções que continuam seguindo a temática da Cena Mangue: denúncias dos problemas de Recife, simbolismos, metáforas e letras que exaltam a cultura recifense. As três canções a serem analisadas serão: *Manguetown* e *Etnia*. Moisés de Melo Neto escreveu vários artigos e uma Dissertação de Mestrado sobre a Cena Mangue. Ele destaca que nesse segundo disco, a banda incitava

[...] mais uma vez seu público à ficção e era exemplo de um comportamento, um estado de espírito: o cidadão esperto queria trabalho, sim, mas com muita diversão, alimento para todos, aventuras, respeito, felicidade, num Recife mais lúdico e múltiplo, que respeitasse as diferenças dos seus habitantes. (MELO NETO, 2003, p. 26).

A primeira canção analisada é *Manguetown*, um cognome dado à cidade de Recife.

Estou enfiado na lama/ É um bairro sujo/ Onde os urubus têm casas/ E eu não tenho asas /Mas estou aqui em minha casa /Onde os urubus têm asas/ Vou pintando segurando as paredes do mangue do meu quintal/Manguetown/ Andando por entre os becos/ Andando em coletivos/ Ninguém foge ao cheiro sujo / Da lama da Manguetown/ Andando por entre os becos/ Andando em coletivos / Ninguém foge à vida suja dos dias da Manguetown/ Esta noite sairei/ Vou beber com meus amigos e com as asas que os urubus me deram ao dia / Voarei por toda a periferia/ Vou sonhando com a mulher que talvez eu possa encontrar/ E ela também vai andar/ Na lama do meu quintal/ Manguetown/ Fui no mangue catar lixo/ Pegar caranguejo/ Conversar com urubu. (CSNZ, 1996).¹³

A letra de *Manguetown* é mais uma que aborda vários problemas da cidade de Recife, como a sujeira e poluição dos manguezais, que exalam um forte odor por toda a cidade; e a destruição e aterramento dos mangues pelo crescente processo de urbanização. Novamente Chico utiliza a metáfora do homem caranguejo que é explorado pelos “urubus”. Mesmo sendo difícil sair dessa situação de pobreza, Chico proclama aos homens caranguejos que a diversão é uma fuga para tais situações negativas (vide trecho “*Esta noite sairei, vou beber com meus amigos*”), mas que no fim o homem acaba voltando ao mangue para dar continuidade ao ciclo do caranguejo (trecho “*Ninguém foge a vida suja dos dias da Manguetown*”). Melo Neto (2003, p. 44) cita que a música *Manguetown* conta a história de um “sujeito da periferia, um excluído, que apropria-se da sua cidade, do seu lugar, reinventando-a numa espécie de ficção, misto de desenho animado e história em quadrinhos. O mesmo Melo Neto traz uma abordagem que flerta com a Geopoética ao analisar como a cidade de Recife se torna a *Manguetown*; pois para ele

[...] a *Manguetown* não é simples substituta do *ser Recife*. Ela tem universo específico, paralelo. É imagem poética que se liga à realidade por meio de vários códigos (cibernéticos, psicodélicos, históricos, folclóricos, etc.). A alma da cidade parece vir antes do pensamento, da criação do movimento Manguê, das composições, imagens e importância vocal das palavras do movimento, nas quais se inaugura um novo sentido, e a sonolenta cidade parece acordar para um carnaval sem data marcada: a arte surge como compromisso dessa alma. (MELO NETO, 2003, p. 17, grifo do autor).

¹³ Áudio da canção disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=yIjg0mdsqjM>> Acesso em 04 Nov. 2014.

Através da letra de *Manguetown*, falaremos sobre um aspecto muito importante da Cena Manguê para este trabalho: a “corporeidade” – principalmente aquela experimentada por Chico Science. Sabemos que a corporeidade está presente nas análises da fenomenologia e da Geografia Humanista, e em *Manguetown* podemos perceber uma relação íntima entre Lugar e Corporeidade (vide trecho “*Estou enfiado na lama, é um bairro sujo, ninguém foge ao cheiro sujo, andando por entre os becos, ela também vai andar na lama do meu quintal, pegar caranguejo*”). Como já foi mencionado, Chico Science passou sua infância e parte da adolescência em mangues, apanhando caranguejos para conseguir uma renda extra e ao “afundar-se na lama” Chico estabeleceu uma corporeidade com aquele lugar (o manguê) e veio transmitir essas relações corpóreas na letra de *Manguetown*. Citando novamente Chaveiro (2012) e sua abordagem das relações entre Corpo e Lugar, o autor destaca que há uma relação simbiótica entre eles, onde o corpo é um “guardador” de Lugares e o Lugar é um “guardador” de relações corporais. As relações corpóreas que ocorrem na insalubridade dos mangues através de simbolismos apresentados na música *Manguetown*, são explicadas por Chaveiro.

Lugares insalubres ou lugares de confinamento, lugares de registro ou lugares indefesos, por certo proclamam necessariamente desvelos simbólicos e de produção de sentido em forma de medo, fobias, desmotivações, traumas, egoísmos, transtornos, etc. Essas peças invisíveis dos lugares agem no que é fundamental no corpo: contamina sua capacidade de agir, conviver, de potencializar forças no coletivo. O corpo doente encerra suas dores, esmaece diante de obstáculos pessoais. (CHAVEIRO, 2012, p. 255).

Deduzimos então que na letra de *Manguetown*, Chico nos apresenta o simbolismo de um homem caranguejo que possui uma debilitada corporeidade e tenta sair do manguê, mas é sempre massacrado e subordinado aos “urubus”.

Etnia é uma canção que soa como um hino de orgulho do manguelboy.

Somos todos juntos uma miscigenação/ E não podemos fugir da nossa etnia/ Índios, brancos, negros e mestiços/ Nada de errado em seus princípios/ O seu e o meu são iguais/ Corre nas veias sem parar/ Costumes, é folclore, é tradição/ Capoeira que rasga o chão/ Samba que sai da favela acabada/ É hip hop na minha embolada/ É o povo na arte/ É arte no povo/ E não o povo na arte/ De quem faz arte com o povo/ Por de trás de algo que se esconde/ Há sempre uma grande mina de conhecimentos e sentimentos/ Não há mistérios em descobrir/ O que você tem e o que você gosta/ Não há mistérios em descobrir/ O que você é e o que você faz/ Maracatu psicodélico/ Capoeira da pesada/ Bumba meu rádio/ Berimbau elétrico/ Frevo, samba e cores/ Cores unidas de alegria/ Nada de errado em nossa etnia. (CSNZ 1996).¹⁴

A canção *Etnia* retrata que por estarmos inseridos num mundo globalizado, não podemos reproduzir preconceitos contra quaisquer etnias e suas culturas, pois não há “*nada de errado em seus princípios*”, já que eles são iguais. Chico direciona uma crítica disfarçada aos Armoriais, citando que não há problemas em misturar arte contemporânea com arte tradicional (trecho “*É hip hop na minha embolada*”) e que a arte do povo deve ser divulgada, ao contrário do que os Armoriais faziam: utilizavam a arte do povo na arte Armorial sem promover uma divulgação dos artistas populares. Por isso Chico proclama que o lugar do povo é na arte, pois a arte pertence ao povo e não às pessoas que se apropriam dela e “*fazem arte com o povo*”.

Um ponto importante em *Etnia* é que a letra promove um o sentimento de orgulho em pertencer a Recife e de promover uma renovação da cultura local através da proposta Manguel de misturar ritmos tradicionais com ritmos contemporâneos (trecho “*Maracatu psicodélico, Bumba meu rádio, Berimbau elétrico*”). Destacamos que a relação de orgulho analisada a partir da música também proporciona uma contribuição para a percepção de sentimentos

¹⁴ Áudio da canção disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=r49G6PXBhQY> > Acesso em 04 Nov. 2014.

topofílicos vivenciados pela população de Recife. Carney (2007) explica que as pessoas que residem em determinados lugares possuem uma forte ligação com a música, pois

Vista externamente, essa associação lugar-música pode servir como um importante componente na formação da percepção e das imagens que “os de fora” têm do lugar em questão, não importando se eles realmente estiveram nele ou não. Entre os residentes, essa associação entre seu lugar e uma música específica pode funcionar como uma fonte de identidade geográfica, talvez até subcultural, bem como uma ajuda para favorecer um sentido de orgulho pelo lugar e um sentido de ligação com ele. (CARNEY, 2007, p. 147).

Mesmo numa realidade de grandes problemas socioeconômicos, Chico demonstra que a população de Recife pode ter um sentimento topofílico pela cidade, principalmente pelas mudanças que ocorreram a partir da Cena Manguê (trecho “*Nada de errado com nossa etnia*”). Tuan nos explica que

Para aqueles que viveram muitos anos em um lugar, a familiaridade engendra aceitação e até afeição. [...] Muitas vezes, é difícil saber interpretar “gosto” ou “afeição” quando são verbalmente expressos. Gostar de um distrito não obriga necessariamente a pessoa nele permanecer ou ainda predominantemente preferir suas facilidades e serviços. (TUAN, 2012, p. 297).

Outra marca dessa topofilia motivada pela Cena Manguê e que aparece na música *Etnia*, está contida na obra de Mello (2012), para este autor

A música, na verdade, aguça a paixão e o orgulho pelo lugar vivido, seja como resposta a uma simples menção, seja como decorrência de uma colocação hiperbólica ou por meio de estereótipos. Acresce, porém, que locais próximos ou distantes, em diferentes escalas, mesmo não vividos pessoalmente, podem se tornar lugares concebidos e/ou míticos, a partir dos relatos ou quando cantados, na medida em que se haveria nesses tipos de interação, realizados por meio de narrativas, certa relação de intimidade. Nesse caso, as fronteiras afetivas e/ou intelectuais demarcariam novos lugares [...] (MELLO, 2012, p. 51).

Tuan (2012, p. 144) em sua obra *Topofilia*, nos mostra que “a consciência do passado é um elemento importante no amor pelo lugar.” Podemos concluir que Chico ao utilizar a cultura tradicional em contato com a cultura contemporânea e suas próprias experiências vividas acumuladas desde a infância, revisitou e inseriu em Recife o conceito de Topofilia, pois Recife em 1996 (lançamento do álbum *AfrociBERdelia*) passava por um momento de insurreição cultural provocada pela Cena Manguê, onde os artistas utilizavam os elementos da cidade (não só os aspectos negativos) para criação de arte. Esse sentimento topofílico vem consolidar uma preocupação da Cena Manguê apresentada no *release* “*Caranguejos com cérebro*”, que era injetar energia na lama e movimentar a cena cultural da cidade. A canção *Etnia* tem esse papel de motivar o manguêboy a continuar injetando energia na lama.

Pudemos perceber que a criação da Cena Manguê não poderia acontecer em outro lugar do mundo, pois só a cidade de Recife reunia as condições físicas (mangues), socioeconômicas (quarta pior cidade do mundo) e culturais (ritmos como maracatu, embolada, ciranda, coco) para a fomentação e surgimento de uma Cena cultural tão rica em melodias, simbolismos e poética. Como Carney (2007) explica, somente

As características únicas de lugares específicos podem oferecer as pré-condições necessárias a novas ideias musicais. O contexto histórico, ambiental e social de um lugar, muitas vezes, fornece cenário e inspiração para determinado indivíduo ou grupo criar música.

A referência a um lugar no título ou letra de uma canção acende uma memória sobre ele, mas com o tempo os próprios sons musicais podem evocar um sentido de lugar de uma maneira que talvez só seja igualada, em um nível pessoal [...] Assim, a música ajuda a criar uma ligação emotiva humana a um lugar particular, seja ele o lar, a vizinhança, a cidade, o estado, a região ou a nação.

A música específica de um lugar está carregada de sentidos reais e simbólicos que podem ter significado para seus moradores e até para os não-moradores. (CARNEY, 2007, p. 138).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através das três etapas de análise das canções: “*transcrição*” → “*argumentação um*” (“representação do artista”) → “*argumentação dois*” (“correspondência epistemológica”), concluímos que o conceito de Lugar proposto pela Geografia Humanista, é um forte subsídio para a definição de uma Geopoética da Cena Mangue, pois nos Lugares descritos por Chico Science em suas letras, percebemos vários elementos caros à Geografia Humanista e à Geopoética, tais como: relações subjetivas através da imaginação e da arte; experiências e mundo vivido do autor; corporeidades, relações afetivas e topofílicas. Identificamos que o conteúdo das letras musicais de Chico Science e Nação Zumbi veiculam imaginários perceptivos de Lugar e que as linguagens musicais se ajustam como exemplo potencial de estudos de Geopoética.

Ao analisarmos como o conceito de Lugar está retratado nas letras da banda *Chico Science e Nação Zumbi*, há uma preocupação em explicar os simbolismos mencionados pelo letrista e quais as relações existentes entre a vida social da população de Recife naquele momento histórico com o Lugar simbólico construído; essa é uma das várias utilidades das pesquisas em Geopoética.

Estamos cientes de que a presente pesquisa poderia ser aprofundada em vários aspectos. A análise e incorporação dos elementos que dão “materialidade” ao lugar “Recife”, bem como a abordagem e ênfase da perspectiva topofóbica presente nas letras da banda, seriam duas alternativas enriquecedoras. Pois o discurso de Chico Science é marcado, claramente, pelo conflito entre relações topofílicas e topofóbicas referentes à cidade.

A definição de Geopoética não é simples e os autores brasileiros não parecem ainda especialmente preocupados em realizar uma precisa demarcação deste (a nosso juízo) “novo ramo” da Geografia Humanista. Diante disso, reconhecemos que é um árduo trabalho – a merecer mais anos de detida investigação – o de abordar este tema (que pode, neste momento, não estar muito claro ao leitor, dada a ausência daquela delimitação).

No futuro, para o devido aprofundamento do estudo, pretendemos nos aproximar dos procedimentos metodológicos da Linguística, Semiótica e da Teoria Literária. Sabemos que

este trabalho traz apenas uma amostra da potencial riqueza geopoética da Cena Mangue; sem falar que haveria até mesmo outras cenas artísticas regionais a explorar. Em se tratando de Recife, em particular, sabe-se que existem inúmeras bandas e expressões de arte que podem apontar para outros simbolismos interessantes de Lugar.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- CARNEY, George O. Música e lugar. In: CORRÊA, Roberto L.; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Literatura, música e espaço**. Rio de Janeiro: UERJ, 2007. p. 123-150.
- CASTRO, Josué de. **Homens e caranguejos**. São Paulo: Brasiliense, 1967.
- CHAVEIRO, Eguimar F. Corporeidade e lugar. In: MARANDOLA JR., E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (Org.). **Qual o espaço do lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 249-279.
- CLAVAL, Paul. **História da geografia**. Rio de Janeiro: Edições 70, 2006.
- CORRÊA, Roberto L. **Região e organização espacial**. São Paulo: Ática, 1987.
- CORRÊA, Roberto L. **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- DARDEL, Eric. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- GOMES, Paulo C. da C. **Geografia e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- GRATÃO, Lúcia H. B. Da projeção onírica bachelardiana, os vislumbres da geopoética. In: OLIVEIRA, Livia et al. (Org.). **Geografia, percepção e cognição do meio ambiente**. Londrina: Edições Humanidades, 2006. p. 15-27.
- HEIDEGGER, Martin, **Ser e tempo**. São Paulo: Vozes, 2005.
- HOLZER, Werther. O lugar na geografia humanista. **Revista Território**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 67-78, jul./dez. 1999.
- HOLZER, W. A geografia fenomenológica de Eric Dardel. In: CORRÊA, Roberto L.; ROSENDAHL, Zeny. (Org.). **Matrizes da geografia cultural**. Rio de Janeiro: UERJ, 2001. p. 103-122.
- HOLZER, Werther. O conceito de lugar na geografia cultural-humanista: uma contribuição para a geografia contemporânea. **GEOgraphia**, v. 5, n. 10, p. 113-123, 2003.
- HOLZER, W. Mundo e lugar: ensaio de geografia fenomenológica. In: MARANDOLA JR., E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (Org.). **Qual o espaço do lugar?**. São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 281-304.
- HUSSERL, E. **The crisis of european sciences: part II: clarification of the origin of the modern opposition between physicalistic objectivism and transcendental subjectivism**. Disponível em: <<http://www.marxists.org/reference/subject/philosophy/works/ge/husserl.htm>>. Acesso em: 10 jun. 2014. [1970. 13p.].

- KONG, Lily. Música popular nas análises geográficas. In: CORRÊA, Roberto L.; ROSENDHAL, Zeny (Org.). **Cinema, música e espaço**. Rio de Janeiro: UERJ, 2009. p. 129-175.
- KOZEL, Salete. Geopoética das paisagens: olhar, sentir e ouvir a “natureza”. **Caderno de Geografia**, v. 22, n. 37, 2012.
- LEY, David. Cultural/humanistic geography. **Progress in Human Geography**, v. 5, p. 249-257, 1981.
- MARANDOLA JR., Eduardo. Humanismo e abordagem cultural em geografia. **Geografia**, Rio Claro, v. 30, n. 3, p. 393-419, set./dez. 2005.
- MATOS, Rejane P. C. **Mangue**: a lama, a parabólica e a rede. 2008. Tese (Doutorado em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.
- MELLO, J. B. F. O triunfo do lugar sobre o espaço. In: MARANDOLA JR., E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (Org.). **Qual o espaço do lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 33-68.
- MELO NETO, Moises M. de. **Manguetown**: a representação do Recife (PE) na obra de Chico Science e outros poetas do Movimento Mangue (“A Cena recifense dos anos 90”). 2003. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **La filosofía de la existencia**. Madrid: Praxis Filosófica, 2009.
- MORAES, Antônio C. R. **Geografia: pequena história crítica**. São Paulo: Annablume, 2005.
- OLIVEIRA, Dircélia M. S. de. Gaston Bachelard e o espaço poético: contribuições para a geografia e o turismo. **RA’EGA**, v. 22, p. 74-94, 2011.
- OLIVEIRA, Livia de. O sentido de lugar. In: MARANDOLA JR., E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (Org.). **Qual o espaço do lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2012, p. 3-16.
- RELPH, Edward. **Place and placelessness**. London: Pion, 1976.
- RELPH, Edward. **A paisagem urbana moderna**. Lisboa: Edições 70, 1990.
- RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. In: MARANDOLA JR., E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (Org.). **Qual o espaço do lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2012, p. 17-32.
- SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova**. São Paulo: HUCITEC, 1978.
- SANTOS, Milton. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985.
- SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**: fundamentos teórico e metodológico da geografia. São Paulo: HUCITEC, 1988.
- TELES, José. **Do frevo ao Mangubeat**. São Paulo: Editora 34, 2000.

TUAN, Yi-Fu. Place: an experiential perspective. **Geographical Review**, v. 65, n. 2, p. 151-165, apr. 1975.

TUAN, Yi-Fu. Thought and landscape: the eye and the mind's eye. In: MEINIG, D. W. (Ed.). 1979. p. 89-102.

TUAN, Yi-Fu, **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.

TUAN, Yi-Fu. In: CHRISTOFOLETTI, A. (Org.). **Perspectivas da geografia**. São Paulo: DIFEL, 1985.

TUAN, Yi-Fu, **Paisagens do medo**. São Paulo: UNESP, 2005.

TUAN, Yi-Fu, **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente; Londrina: UEL, 2012.

VARGAS, Herom. **Hibridismos musicais de Chico Science & Nação Zumbi**. Cotia: Ateliê Editorial, 2007.

WHITE, Kenneth. Elements of geopoetics. **Edinburgh Review**, v. 88, p. 163-178, 1992.

TESSER, Paula. Mangue Beat: húmus cultural e social. **LOGOS 26**: comunicação e conflitos urbanos, v. 14, 1º sem. 2007. Disponível em: <http://www.logos.uerj.br/PDFS/26/05_PAULA_TESSER.pdf>. Acesso em: 7 out. 2014.